



FL. Nº  
Anexo – notas taquigráficas  
Proc. nº  
CMSP – NOME DA CPI  
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO  
PARTICIPATIVA**

**PRESIDENTE: CAIO MIRANDA**

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 03-12-18

**OBSERVAÇÕES:**

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens
- Tumulto

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Boa noite a todos e a todas.

Declaro aberta a 15ª audiência pública da Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa do ano de 2018.

Presentes, eu, Caio Miranda Carneiro e o Vereador José Police Neto. Informo que esta reunião está sendo transmitida através do portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço: [www.saopaulo.sp.leg.br](http://www.saopaulo.sp.leg.br), *link* auditórios *online*.

Informo que a íntegra da transcrição desta audiência pública estará disponível ao público em geral no mesmo endereço, *link* audiências públicas, registro escrito.

Esta audiência tem por objetivo discutir o PL 98/2018, de autoria dos Vereadores Caio Miranda Carneiro e Mario Covas Neto, que dispõe sobre o desmonte do Elevado João Goulart, Minhocão.

Informo que as inscrições para pronunciamento estão abertas junto à secretaria da Comissão. Vamos deixar as inscrições abertas por meia hora, peço a todos que queiram falar, trazer suas considerações, que se inscrevam.

Foram convidados a participar desta audiência a Sra. Yara Goes, Presidente da Ação Local Amaral Gurgel e Diretora do Movimento Desmonte Minhocão; Srs. José Geraldo de Oliveira, Presidente do Conseg Santa Cecília, Higienópolis, Campos Elíseos e Barra Funda; Luciano Martins de Farias, Presidente do Conseg Bela Vista e República; Marta Porta, Presidente do Conseg Consolação, Higienópolis e Pacaembu; Lúcio Gomes Machado, Professor Doutor de Arquitetura da FAU USP; Valter Caldana, Professor de Arquitetura e ex-Presidente da FAU Mackenzie; Anne Marie Sumner, Professora de Arquitetura da FAU Mackenzie; Vera Luz, Professora de Arquitetura da PUC Campinas; Alzira Monfré, Professora de Arquitetura do Centro Universitário Belas Artes; Sergio Eisenberg, Consultor de Engenharia de Tráfego; Tenente Coronel Marcelo César Carnevale, Comandante do 1º Batalhão e Coronel PM Francisco Alves Cangerana Neto, Comandante de Policiamento da Capital.

Vou fazer uma breve fala de três minutos e depois passar para a Sra. Yara Goes,

do Movimento Desmonte Minhocão, que vai fazer a apresentação. Na sequência seguiremos a lista de inscrição. E também abriremos a palavra para o colega José Police Neto fazer a apresentação, ele que é autor da lei que cria o Parque do Minhocão e acompanha esse debate desde a sua origem, inclusive, do plano diretor aprovado em 2014, que iniciou todo esse processo de transformação naquele eixo.

Anuncio a presença do Sr. Eliazer Rodella, Inspetor Superintendente Comandante do Comando Operacional Centro, da GCM.

Apenas para contextualizar de forma rápida, esse projeto nasceu a partir do momento em que o Prefeito João Doria vetou, na lei aprovada que criou o Parque, a previsão do desmonte.

Então o Elevado João Goulart, Minhocão, teve a sua desativação abordada pelo plano diretor que, à época, previu três destinações: parcialmente parque; totalmente parque ou desmonte.

Em sequência do plano diretor, veio a lei que cria o Parque e na lei, além de um cronograma e uma série de questões que o Vereador Police pode explicar, a criação do Conselho Gestor, um cronograma de desativação e a previsão do plano de intervenção urbana havia lá a hipótese do desmonte contemplada. Ocorre que depois de aprovada aqui na Câmara foi vetada pelo Prefeito.

Então de forma a propiciar que o desmonte esteja na mesa de opções do Prefeito quando a decisão de o que fazer com o Minhocão tiver de ser tomada, propusemos esse PL garantindo que o plano diretor e os anseios de quem acredita que o desmonte pode trazer mais benefícios do que a criação de um parque, até mesmo pela questão da viabilidade, foi feita essa lei.

Então hoje esta primeira audiência pública em que esperamos trazer argumentos técnicos importantes sobre a viabilidade do elevador que vai completar 50 anos, desde a sua inauguração, para um futuro próximo. Acho que nos próximos anos vamos ter de enfrentar

esse problema. Será inevitável a desativação para veículos, embora venha sendo feita já progressivamente e boa parte da população ainda não percebeu, não se deu conta.

Quando falamos desse assunto nas redes as pessoas perguntam: mas por que não deixar para carros? E temos de explicar que já está definida a desativação, é uma questão de tempo e quem vive no entorno, na região, sabe o prejuízo que é o tráfego de veículos naquela intensidade no Minhocão e os problemas que têm embaixo do elevado.

Então fazendo essa breve introdução, basicamente o PL autoriza o Prefeito a realizar o desmonte, caso queira. Dá o prazo de um ano para o Prefeito apresentar tecnicamente razões para prosseguir ou não com o desmonte. Inclusive, relativas ao custo e à viabilidade, de forma que não confronte, não impeça e não inviabilize a via do parque que já tem uma lei aprovada. A decisão final é do Poder Executivo. Isso também tem de ser esclarecido porque defender o desmonte não é ser contrário aos parques. É simplesmente acreditar que o desmonte é a alternativa mais viável e que pode trazer mais benefícios, porém a decisão final será do Prefeito. Nós, Vereadores, não temos o poder de determinar algo que impacte em custo e que demande despesas para a Prefeitura.

Feita essa breve introdução só para contextualizar a propositura do PL, passo para as falas.

Tem a palavra o Vereador José Police Neto.

**O SR. JOSÉ POLICE NETO** – Na realidade vou preferir acompanhar a exposição, acredito que já conheço um pouco dela, mas é bastante importante o que o Vereador Caio Carneiro falou. Na realidade a decisão final sempre é do Prefeito como foi no projeto de lei encaminhado e aprovado pela Câmara, em que o Prefeito decidiu vetar a parte do desmonte, demolição do parque.

Então entender muito bem os limites do parlamento. O parlamento tem uma possibilidade como teve de debater com muita profundidade o tema. Debateu, votou com as três opções e como a última decisão é do Prefeito, esta foi tomada lá e devolvido à Câmara um

veto em um dos incisos determinando, inclusive, o início imediato dos estudos para a implantação parcial ou total do parque.

Então na realidade, conforme o proponente da matéria disse, a decisão final foi do Prefeito que decidiu lá ter um parque na sua totalidade ou na sua parcialidade. O que mais me chama a atenção para este debate é que aconteceu exatamente o que o Vereador Caio falou: a última decisão foi do Prefeito, que vetou essa parte. A Câmara decidiu, porque era esta a faculdade que esta Casa tinha: elaborar um projeto definindo as regras para desativação dos três elementos que constavam do projeto. O Prefeito decidiu que um deles não devia nem fazer parte dos estudos. Então, não foi uma decisão da Câmara, foi uma decisão do Prefeito. Portanto, na minha interpretação, essa questão é muito objetiva e, absolutamente, superada. Neste momento, nem vou dizer das questões regimentais que nos fariam debater o veto do Prefeito e não outro projeto. Mas essa é outra questão regimental que eu vou tomar a liberdade de fazer depois desta apresentação.

Como o nobre relator anunciou, sem dúvida alguma, a última decisão é do Prefeito e já foi tomada, vetando-se parte dele. Era o que queríamos, inclusive, tanto é escrevemos para o Plano Diretor, no projeto, mas o Prefeito decidiu que a demolição ou o desmonte não competia a esta legislação e o vetou. Portanto, há uma inclusive as iniciativas legislativas que já estão em curso na Casa, à medida que há um veto que consta da Ordem do Dia.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o Vereador Claudio Fonseca, relator do projeto na CCJ e membro da Comissão.

**O SR. CLAUDIO FONSECA** – Sr. Presidente Caio Miranda e Vereador Police Neto, a audiência pública é sempre destinada para que o público possa se manifestar. Percebi que nós temos aqui várias pessoas inscritas e, como relator do projeto, é muito importante ouvi-las. Por isso, devolvo a palavra ao Presidente para que possamos ouvir as pessoas diretamente envolvidas na questão.

Muito obrigada e boa tarde a todos.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Já há 22 pessoas inscritas. Peço à Yara que faça a apresentação inicial e depois passaremos a palavra aos colegas Vereadores.

**A SRA. YARA GOES** – Boa noite a todos. Cumprimento o pessoal da Mesa, a todos os presentes. Sou Diretora do Movimento Desmonte do Minhocão, e viemos fazer uma apresentação básica, para mostrar o que queremos com o desmonte do Minhocão.

Somos um grupo apolítico, sem fins lucrativos, formados por líderes comunitários e urbanistas qualificados com o objetivo de desmontar o Minhocão para uma melhor qualidade de vida das pessoas que ali moram e o desenvolvimento da Cidade.

Na nossa apresentação, nós veremos os principais problemas que o Minhocão causa, que é possível desmontá-lo e a importância do PL 98/18.

Os três problemas básicos causados pelo Minhocão são os seguintes: primeiramente um problema local, de saúde e segurança; segundo, um problema de desenvolvimento urbano e, terceiro, os altos gastos e problemas para a Prefeitura.

Todos os problemas que veremos aqui estão relacionados à estrutura do Minhocão. O que nós iremos abordar está baseado no problema dessa estrutura e é isso que, basicamente, vamos discutir.

- Oradora passa a referir-se a imagens na tela de projeção.

Vamos falar sobre o primeiro problema local, de saúde pública. Essa estrutura é um tampão de 17 metros, e ele forma uma câmara de gás aqui embaixo, tá? Então aqui temos altos índices de poluição do ar. E dados do laboratório de poluição atmosférica experimental da Faculdade de Medicina, diz o seguinte: com ou sem carros o Minhocão é 79% mais poluído do que o resto da cidade de São Paulo. Então, o Dr. Marco Martins diz o seguinte - ele esteve no nosso fórum –: o fato de o Minhocão estar a cinco metros da janela das pessoas, isso gera um problema de saúde muito grande. Elas têm uma chance muito maior de ter um infarto do miocárdio, de ter um derrame cerebral. Então quem mora ali está sujeita a essas coisas.

Depois de 2015 foi feita outra medição em que estava a poluição do ar dez vezes acima do permitido. A Organização Mundial de Saúde diz que deve ter 25 microgramas por metro cúbico, que deveria ser os índices razoáveis, que são os aceitáveis da poluição do ar. E nós chegamos, no pico, no Minhocão a 220, quer dizer, é lógico que quando você faz uma medição da poluição do ar, evidentemente que depende do dia, do clima, se está frio, se está calor. Então há uma variação. Mas isso é um absurdo. Todos sabem que ali são altos índices de poluição do ar. Isso não é novidade para ninguém. Por isso as pessoas estão adoecendo lenta e gradualmente, sem consciência disso. É roubar anos de vida da pessoa sem que ela perceba, porque ela não sabe as doenças que ela está adquirindo ali, naqueles níveis de poluição do ar.

Também temos altos índices de poluição sonora causados por essa estrutura, que é uma caixa de ressonância, uma caixa de som que aumenta o ruído de tudo aquilo ali. Logo, o que acontece? Pessoas que ficam a 85 decibéis por oito horas consecutivas vão desenvolver uma doença chamada PAIR - Perda Auditiva Induzida por Ruído - e pessoas ficarem a altos níveis de poluição sonora causa stress, irritabilidade, ansiedade, insônia, ataques cardíacos e mortes. Altos índices de poluição do ar somados com altos índices de poluição sonora, então isso vai ser uma consequência muito grande para quem mora ali. Doenças psicológicas como depressão, tudo isso causa esse Minhocão.

Bom, também temos ali um problema de segurança pública, quando os carros não passam no Minhocão. O que acontece? Roubos e assaltos aos imóveis. As pessoas pulam aqui por essa mureta e entram ali nos apartamentos. O próprio prédio do Geraldo já foi assaltado várias vezes. Veja bem. Ninguém merece. O outro passeando pelo Minhocão e as pessoas sendo assaltadas ali. Uns estão otimamente bem passeando e os outros passando por sérios problemas.

Bom, também problema de segurança pública: houve um aumento de 2013 a 2016 de 300% nos furtos e 87% nos roubos. Olhem a situação que os moradores ficam. Isso aqui

parece um campo de concentração. As pessoas são obrigadas a colocar essas proteções, porque assaltam os apartamentos. É algo bem complicado. Também os vidros quebrados com pedradas. Quer dizer, vocês têm de se colocar do lado do morador. O que o morador está passando? Que problema ele está enfrentando do lado de lá? Veja bem, as pessoas nem trocam mais seus vidros, porque têm uma meninada que vão com estilingue, inclusive, arrebentar os vidros porque acha graça isso. Ficar estilingando o vidro do outro e quebrando.

A total falta de privacidade dos moradores, porque eles não podem abrir as janelas durante o dia, pelos altos índices de poluição do ar e sonora. E quando chega a noite é uma total falta de privacidade. As pessoas olhando dentro dos seus apartamentos. O absurdo chegou a tal da fazer uma exposição fotográfica para fotografar a intimidade das pessoas. Como pode ficar fotografando as pessoas? Fora que os fotógrafos ficam lá o tempo todo como se a pessoa fosse um bicho raro. Sai na janela, não pode nem sair na janela. Todo mundo fotografando. Então, é uma situação em que a pessoa tem de se colocar na posição do outro. Também é total falta de segurança daqueles que passam em baixo, porque jogam tampa de bueiro lá de cima. Já jogaram. Isso ocorreu na Amaral Gurgel, inclusive, onde jogaram essa tampa de bueiro ali. Isso poderia ter matado uma pessoa. Isso é vandalismo, gente. Uma pessoa que joga um negócio como esse lá de cima é inconcebível.

Bom, carros que despencam no Minhocão também acontece. Há falta de segurança daqueles que frequentam também, porque, além da mureta, foi feita uma missão do Corpo de Bombeiros, e essa mureta, que tem um metro e dez, deveria ter um metro e trinta. Ela também é vazada. Essa telinha de proteção também é vazada. Então, deveria ser mais alto isso.

Agora vejam o absurdo: Pessoas ficam sentadas nessa mureta. Olhem o perigo que é isso. Olhem a situação dessas muretas. Então, isso é uma coisa perigosa, porque não há as telas de proteção. Olhem o estado que estão essas muretas. Isso tudo é segurança, gente. Pessoas, às vezes, sentam lá e vão começar a tomar sua cervejinha, fica batendo papo com os amigos e podem se desequilibrar e cair a oito metros de altura. Aí elas morrem.



Outra coisa, falta de segurança com relação aos eventos. Isso é exemplo de uma virada cultural. No Minhocão, cabem 180 mil pessoas, e aí, com sem rotas de fuga, imaginem se acontece alguma coisa, uma briga ou um arrastão. Não há como a Polícia conter uma multidão. Isso seria uma tragédia.

Também em caso de incêndio, não haveria espaço ali. É um problema mesmo na construção do Minhocão. É um problema sério. Quanto ao espaço para a escada Magirus, em certos locais, é muito difícil de colocarem. Então, imaginem uma situação em que houvesse isso e fosse necessário evacuar as pessoas desse local. Como nós tiraríamos cem mil pessoas? Os bombeiros tirariam, sem causar tumultos e problemas? Isso seria impossível.

Outra coisa, o Minhocão causa muito incomodidade para aqueles que estão ali. É futebol, é música, é teatro, skatista, corrida de bicicleta, pedestre, piquenique e yoga. Tudo que pensarem, há naquele Minhocão. É muito bom para quem está lá em cima, mas para quem mora já é um problema muito sério. Tudo isso gera uma barulheira, atrapalha o sossego e causa doenças para pessoas que moram ali. Então, por isso que o Ministério Público da Habitação recomenda para a Prefeitura portões, pela total falta de segurança e perturbação do sossego, para que haja horários e regras.

Então, o Ministério Público também proibiu desfiles e ensaios de Carnaval no Minhocão. Então, a conclusão é a seguinte: São proibidos - tudo que eu acabei de falar - aglomerações e eventos no Minhocão, pelo laudo do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar, da Prefeitura, a portaria do Prefeito Regional e Recomendações do Ministério Público, que já foram várias. Portanto, o Minhocão é inútil para festas, eventos, área de lazer etc. Só serve para viário. Vejam: Ele não foi construído para ser uma casa de show. O Minhocão foi construído para o viário. Ele não tem estrutura para isso. Então, o primeiro problema que eu falei foi local, de saúde e segurança. O segundo problema que eu vou falar é um problema urbanístico, porque, desde a construção do Minhocão, em 1971, começou-se a degradação do centro, a desvalorização dos imóveis e a retração do comércio, num apagão, com 47 anos de

apagão urbanístico. Por quê? Porque, naquela região, tudo ficou parado, só se degradando, degradando, degradando, e ficou tudo parado. Então, o que acontece? A gente sabe que os viadutos não resolvem problemas de tráfego e engarrafamentos. Eles agravam o problema, passam o problema de um local para o outro e, além do mais, eles degradam o ambiente onde são construídos. É por isso que, nos Estados Unidos, quando construíram os viadutos e viram que estavam degradando os locais, começaram as operações de demolição de viadutos, para valorização dos bairros, e eles começaram dos Estados Unidos, depois para as capitais europeias e a tendência mundial é a de demolição de viadutos. Então, Boston, Lyon, Vancouver, Madri, Seul, São Francisco e Rio de Janeiro desmontaram o seu minhocão local, reurbanizando, requalificando a área, atraindo comércio e turismo, gerando empregos.

Então, eu vou dar alguns exemplos para que vocês possam ver a diferença. Por exemplo, o viaduto da praça de Atocha, de Madri, olha a diferença, quer dizer, com o viaduto e sem o viaduto, é outra coisa, gente, é outro visual urbano, sem dúvida. Olha Boston que diferença, porque é o cinza, é aquele cinza, é o concreto, fica muito feio. E outra coisa, a cidade tem que ser construída no chão, não é para construir a cidade em cima do viaduto.

E outra coisa, também no Canadá, o antes e o depois, vejam como sempre melhora, eu não passo todos os exemplos porque fica muito longo, mas a conclusão de tudo isso – e essa conclusão é importante – não é possível recuperar uma área urbana degradada sem tirar o viaduto que causou a sua degradação. Por isso, o Rio de Janeiro tirou a Perimetral e em São Paulo nós temos também que tirar o Minhocão, porque não dá para você recuperar a área degradada sem que se tire aquilo que causou a degradação.

Olha, o Rio de Janeiro parece o Minhocão, olhem a diferença que ficou o Rio de Janeiro. É outro visual, quer dizer, é um visual completamente diferente. E São Paulo, a terceira maior metrópole do mundo, o Minhocão degrada quase três quilômetros do Centro, aquilo parece uma favela. Olhem a foto daqui de São Paulo. Então, vejam os outros lugares, vejam o Rio de Janeiro. Como é que está o Rio de Janeiro? Indo para o progresso e olha São

Paulo, a situação que fica.

Então, gente, o que significa manter essa estrutura? Manter a estrutura significa uma visão antiga e conservadora, tirar a estrutura seria uma visão moderna e progressista. Então, se vocês querem manter a estrutura, continuem desse jeito e é isso o que veremos com essa estrutura do Minhocão.

Esse argumento de que o aproveitamento do viaduto é mais barato do que a demolição não é verdade. Por quê? O projeto para a adaptação dessa estrutura para parque vai ficar em 400 milhões, só a adaptação da estrutura. Então, o que eles iriam fazer? Na parte de cima um corredor verde, e na parte de baixo, a marquise do Minhocão. Então, seria uma forma de tentar minimizar os problemas existentes com essa solução. Seria uma forma de minimizar os problemas, o que eles estão tentando.

Então, vamos dar uma olhada. Só que isso é feito através de um *marketing* e é inviável do ponto de vista operacional. Aqui seria um exemplo da parte de baixo do Minhocão, com a marquise do Minhocão, com plantas, mas acontece que isso fica bonito no papel. Só que do ponto de vista operacional, isso aqui é inviável. Por quê? Vou dar um exemplo do Jardim Vertical Seco. Às vezes, há um desentendimento entre a pessoa que está fazendo e a Prefeitura. Muito bem, acontece, realmente há muitos problemas em tudo isso, nem é culpa de quem está fornecendo o serviço. Acontece o desentendimento e o que acontece? Acontece que nessa briga toda o jardim seca e fica assim: esse é na Amaral Gurgel, um jardim todo seco e todo horrível e cheio de mosquito. Agora se isso acontece com um jardim em frente a sua casa, além de todos os problemas que você tem aqui, agora o jardim seco ali na frente cheio de problema e mosquito, ninguém merece isso.

Vamos ver qual é a realidade da Amaral Gurgel. Estou falando da Amaral Gurgel em si, porque o projeto Marquise do Minhocão foi desenvolvido para a Amaral Gurgel. Olhem a Amaral Gurgel, o Minhocão com enchente, falta de manutenção da estrutura. Essa é a realidade da Amaral Gurgel, está aqui há mais de 70 anos, a parte de baixo com essa

enchente. Não tiram essa enchente daqui de baixo. Essa parte de cima também, todo o problema do sistema hidráulico, os encanamentos estão todos em péssimo estado e isso acontece porque as pessoas vão comer lá em cima e vão jogando no chão e isso vai caindo e entupindo tudo, principalmente porque os encanamentos são assim e as comidas vão parando nessas curvas. Eles não conseguem desentupir, por isso que acontece isso.

Então, por que é inviável plantar no Minhocão? Por que água empossada em plantas é igual a dengue. O viaduto não deve ter plantas nem água e o problema de manutenção feita por terceiros. Acabamos de ver o que pode acontecer. O custo dessa implantação e manutenção é muito alto. Outra coisa, toda manutenção de llume é feita por baixo do viaduto onde passa a fiação, ali não pode colocar plantas. Não combina plantas com lâmpada, não combina. Outra coisa, toda essa parte aqui a Siurb faz toda a verificação e há rachaduras, problemas de juntas de dilatação, tudo por baixo do Minhocão. Então, ali, também não pode ter nada. Isso eu aprendi tudo com o Dr. Morrone, que foi 30 anos de Siurb e que era um grande professor da gente, que dava essas aulas todas explicando isso para gente.

Troca dos encanamentos externos que vem de cima para baixo. Então, como é que vai trocar aqueles encanamentos que roubam o tempo? Como é que vai fazer isso? Vai tirar as plantas? Não é possível também. Quanto custaria isso?

Isso aqui são as blitz feitas no canteiro central que a polícia faz constantemente. Também não pode ocupar essa parte de baixo aqui mesmo porque não poderia ocupar pelos altos índices de poluição do ar. Se você puser alguma coisa embaixo desse canteiro central, nem aquele que vai fazer a manutenção vai conseguir fazer, imagine a Prefeitura.

Esse projeto de colocar plantas não é viável, pois se aumentam os gastos, os problemas e não se resolve nada. Outro problema da estrutura do Minhocão. Vejam a situação da estrutura desse Minhocão. Então, a engenheira civil de estruturas Karen Niccoli Ramirez comentou o estudo que existem 1.500 pontos de infiltração de água nas juntas do Minhocão comprometendo sua estrutura e capacidade de carga. Isso não é só no Minhocão, estamos

vendo isso na cidade de São Paulo toda. Isso não é privilégio do Minhocão não.

Então, nenhuma estrutura deve ter vegetação presente em seu interior porque ela vem a comprometer a capacidade carga, principalmente a médio e em longo prazo.

A presença de árvores indica a existência de água na estrutura, o que pode causar rachaduras e desabamentos. Não pode ter ficus na estrutura do Minhocão. Não sei como é que apareceu aí. Isso precisava de uma manutenção, isso é um absurdo.

Qual é o principal problema de queda dos viadutos que a gente está vendo em São Paulo? Tudo isso é falta de manutenção da estrutura e o Minhocão está na lista. Ele também faz parte dessa lista, desses problemas todos que têm esses viadutos por falta de proteção.

Esse corredor verde em cima e embaixo não vai ajudar, ele não melhora o desenvolvimento urbano. Isso é como se fosse uma maquiagem que está sendo feita. Não resolve os problemas e ainda criar outro, como eu falei, água e plantas atraem mosquitos, plantas em um viaduto danifica a estrutura, aumenta os gastos e não resolve nada.

Terceiro problema é o alto gasto que o Minhocão dá para a Prefeitura. O próprio Minhocão dá altos gastos. Se você vai trocar o encanamento externo, é um milhão. É uma coisa o gasto desse Minhocão. Então, são muitos os problemas.

Para resolver os três problemas que o Minhocão causa, como é um problema local de saúde e segurança, o problema de desenvolvimento urbano e os altos gastos para Prefeitura, a única solução é o desmonte do Minhocão. Por quê? Porque é um problema estrutural. Se você tira a estrutura do Minhocão, você resolve com 100% de certeza os problemas que existem ali porque sai o tampão, a câmara de gás, a caixa de ressonância, essa parte visual e você vai promover o desenvolvimento da Cidade.

Se você mudar a função para parque, o que acontece? Você continua com o tampão, com a câmara de gás, com a caixa de ressonância, com o visual. Então, o parque aumenta os problemas e os gastos e a Cidade fica como está.

Então, o desmonte do Minhocão é a única solução para a Cidade. Vamos ver que é

possível desmontar o Minhocão. Existem três pontos básicos que temos de desmistificar: o primeiro, que o desmonte do Minhocão causa muito entulho e é difícil de ser feito; segundo, o fechamento do Minhocão para os veículos; em terceiro, o alto custo do desmonte do Minhocão.

Para desmontar o Minhocão, a melhor técnica que foi apresentada pela Desmontec, que é uma empresa altamente especializada nisso, foi que vai ser o desmonte Minhocão. Não vai ter implosão, nada disso. É desmonte mesmo, que é uma técnica que sem pó, barulho, reaproveitamento do material, baixo custo e é muito fácil de fazer. A empresa Desmontec apresentou uma metodologia para que se fizesse o desmonte com uma obra limpa, sem entulhos na rua.

Vou explicar como seria feito o desmonte do Minhocão. Isso foi a metodologia que a empresa passou para a gente, evidente que não fomos nós que fizemos isso. Primeiro, seria a remoção das instalações e postes de iluminação. Não tiraria os postes de iluminação. Ele foi montado de baixo para cima e ele vai ser desmontado de cima para baixo por blocos. Eles vão pegar um vão. Isso aqui, amarelinho, são as serras Clipper. Então eles passam com as serras Clipper cortando as fatias. Corta a parte de cima, corta a parte de baixo e vai formando como se fossem fatias e aí eles pegam uma viga, coloca nessa carreta e leva para o depósito. Isso não faz poeira, não é nada para fazer pó, martelando, nada disso. Então, coloca a viga na carreta e vai para depósito. Aí ele vai intercalando uma sim e uma não, uma cá e outra lá, porque tem que fazer o equilíbrio, não pode tirar de um lado só, tem que tirar do lado de cá e do lado de lá até chegar ao vão central. As vigas transversais são cortadas com fio diamantado, mas é do mesmo jeito, você coloca na carreta e leva para o depósito. E aí você vai contando também os pilares com fio diamantado com blocos de três metros. Você coloca na carreta e leva para o depósito. Do mesmo jeito que montou, do mesmo jeito vai desmontar. Aqui já temos um vão desmontado.

Qual é o tempo de duração do desmonte? O tempo de duração é de seis meses. O que será feito no depósito? Eu disse que todo esse material iria para um depósito. Fazer o que

lá? A reciclagem dos resíduos para tornar todo esse material em um agregado de alta qualidade. Então, no depósito você vai fazer a demolição das estruturas de concreto das vigas transversais com tesoura hidráulica. Então, vai transformar tudo isso. Isso vai ser transformado em bica rachão para aplicação de base e sub-base em pavimentação. Então, as vigas protendidas vão ser limpas e lixadas uma a uma. Então, vão se transformar em quê? Em pontilhões, vendidas em leilões, ir para outras subprefeituras, ou seja, tudo será aproveitado nesse desmonte do Minhocão.

Então é como a gente tem uma obra limpa, não tem de tirar ninguém do local, nem vai gerar muito pó, nem vai causar doença. Nada disso. A empresa apresentou um projeto para que fosse uma obra limpa, sem impacto para a comunidade. Muito bem.

O segundo ponto que a gente tem de desmistificar e que falam muito é sobre os veículos. Mas isso vai ser apresentado logo a seguir. Só vou falar rapidamente.

A Cidade não vai parar com o fechamento do Minhocão, porque foi feito um estudo CET. É o mesmo problema para desmonte ou para parque, de todo jeito vai ter de parar o veículo lá em cima. Seja parque ou desmonte o problema é o mesmo. É possível o desmonte do Minhocão sem fazer outras vias ou tuneis para desativar o trânsito.

O terceiro ponto, segundo o mesmo estudo da CET, o desmonte do Minhocão é viável, pois já existe um estudo de planejamento para adequação do sistema viário existente. Então, vamos lá. O que a gente, por exemplo, fala com relação ao PL do parque, sobre ser uma desativação gradativa? O problema é o seguinte: se você faz a desativação gradativa, o carro lá de cima vem para baixo, indo para baixo aumentam os níveis de poluição do ar.

O pessoal da CET falou para nós - pelo menos, foi o que nos falaram - que eles têm condição de fazer a readequação do local, mas tem de tirar o Minhocão, porque não dá para fazer a requalificação e readequação de um perímetro com o Minhocão. Então é isso. Se ficar mais poluição, serão mais doenças e mais problemas.

Agora vamos falar do alto custo, porque o pessoal diz que é muito caro desmontar

o Minhocão. Vamos ver quanto custa. Eu falei para você que a adaptação da estrutura para virar parque ficaria em 400 milhões. Quanto custa desmontar o Minhocão? A Desmontec deu um custo para nós de 28 milhões, que seria o quê? Vinte milhões para o desmonte, oito milhões para o frete e fazer toda a reciclagem no depósito. Esse orçamento é de 2016.

Demolir o Minhocão dá lucro por quê? Você põe 28 milhões para demolir o Minhocão, mas o reaproveitamento das 900 vigas, conforme falei que seriam lixadas no depósito e podem ser vendidas pode gerar 72 milhões; a reciclagem e o uso de agregado reciclado - aquele material reciclado bica e rachão - 1,5 milhão; o que dá uma operação positiva de 45 milhões. Por isso, desmontar o Minhocão dá lucro.

O que a comunidade deseja em tudo isso? A comunidade deseja um projeto de reurbanização envolvendo os quatro bairros que foram degradados pelo Minhocão. É isso que a comunidade gostaria. Fazer um moderno e turístico, um *boulevard*, ligando o Parque da Água Branca ao Parque Augusta, assim como todo aquele trecho da Amaral Gurgel, São João, General Olímpio da Silveira. Conseqüentemente que venha o progresso para aquela região da Cidade, porque não pode ficar naquela situação, temos de modificar isso, trazer o progresso.

Trouxe para vocês verem agora, é super-recente, saiu no *O Globo*: o Rio de Janeiro tirou a Perimetral, como eu falei, que é o Minhocão do Rio. Olhem que beleza, empresas começam a desembarcar. Olhem só que beleza, as empresas que estão vindo como a La Tichman Speyer do Brasil, a Bradesco Seguros, Fábrica de *Startup*, Granado, Nissan, ou seja, eles estão trazendo, gerando novas... Olhem aqui 4.000 pessoas circulando ali diariamente. A iniciativa está fazendo uma modificação no local. A expectativa é mais do que dobrada até o ano que vem.

Puxa vida, a gente comenta do Rio de Janeiro e pensa como que São Paulo vai ficar para traz desse jeito? A gente não se conforma de ver o Rio de Janeiro naquele progresso e a cidade de São Paulo parada desse jeito.

Vejam bem. Vou passar o vídeo do Porto Maravilha, observem como que sai o



concreto. O vídeo mostra a diferença da paisagem quando sai o concreto, entra o verde no chão e a possibilidade de o comércio, geração de empregos, desenvolvimento e turismo.

(Pausa)

Estava funcionando tudo ontem. Nós viemos sábado testar e estava funcionando muito bem.

- Apresentação audiovisual.

**A SRA. YARA GOES** - Muito bem. Viram que lindo fica? Realmente, uma modificação muito grande. Então vejam a importância do PL do Vereador Caio Miranda, do desmonte do Minhocão, porque vai levar à discussão do desmonte do Minhocão, que é necessária, é a oportunidade do desenvolvimento da Cidade, da resolução dos problemas locais, trazer o progresso e oportunidade de empregos e turismo para o centro de São Paulo.

Para terminar esta apresentação, vou deixar a vocês a seguinte pergunta: qual é a sua posição? Você tem uma posição progressista, de desmontar a estrutura, ou você tem uma posição conservadora, de manter a estrutura? Então pensem, com tudo o que eu falei, como é a cidade que vocês imaginam, que vocês querem; que fique do jeito que está ou que se desenvolva.

Muito obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Quero registrar a presença do Senador Suplicy, se quiser sentar-se à mesa com a gente.

Vamos dar seguimento na ordem dos inscritos. Para manter a dinâmica, vamos dar um tempo de três minutos para cada inscrito e, a cada cinco inscritos, eu abro para o Vereador Police Neto, depois de mais cinco, para o Senador Suplicy, e para o Vereador Claudio Fonseca, para que participem da audiência. A primeira inscrita é a Sra. Anabela Andrade, da Comunidade Brasil e Sampa, Associação de Moradores e Amigos do Centro.

**A SRA. ANABELA ANDRADE** – Boa tarde.

Eu gostaria de perguntar ao Vereador Caio se sabe que, para fazer isso da forma

como a D. Yara colocou, que não haverá pó... A gente sabe que são 2,8 Km, que tem ali uma densidade demográfica altíssima, que dá forma como eles colocaram acho que a gente tem que colocar o desmonte do Minhocão para ser gestor desta cidade, porque é de uma facilidade, de uma simplicidade, de uma forma tão... Relativizaram tanto a forma de desmontar o Minhocão, sem imaginar que a gente tem lá 12 mil assinaturas de pessoas que lutaram pelo parque, que tem crianças, idosos e pessoas que usam o parque, que é a única área de lazer que tem no baixo Centro. Como que o senhor pensa nisso, na questão da mitigação, das pessoas que vão fazer doenças do quadro... do respiratório, as nanopartículas de cimento? Isso é uma coisa.

Outra: a gente tem orçamento para fazer isso? E de que forma aquela conta foi feita? Essa Desmontec, eu acabei de olhar aqui, o imobilizado da empresa dez milhões de... de... Não tem nada, o imobilizado dela é nada. Ela não tem ativo. Acabei de olhar aqui. Gostaria que o senhor visse a empresa que eles estão querendo... Quer dizer, é de uma forma estranha.

Imagino o senhor, que é tão jovem, o senhor deveria ter ido lá conversar conosco para saber o que nós, moradores do entorno, pensamos sobre o Parque. O grupo Desmonte do Minhocão cabe num Fusca, então ele não representa ninguém, ninguém. Então realmente esse grupo precisa...

Aí, plena! Quando ela falou todo mundo respeitou. Vocês vão respeitar ou vão ficar fazendo chacota?

Então esta é a pergunta. Nós gostaríamos que o senhor, que está fazendo essa propositura... O que a gente vai fazer com as 280 mil pessoas que moram no entorno? Como ficará a questão da mitigação? Existe algum tipo de verba para algum tipo de doença, caso ela ocorra, porque ela vai ocorrer? Publicação científica do Dr. Paulo Saldiva sobre as nanopartículas. Tem também um pedido: a questão dos idosos que usam o Minhocão como área de lazer e de mobilidade. A gente não tem orçamento. Nós estamos sem luvas cirúrgicas

nas UBS por conta da falta de orçamento. A gente não tem remédio para pressão. E vai ter dinheiro aí para derrubar o Minhocão.

É isso. Muito obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Depois da Sra. Anabela, Sr. Francisco Machado, do Conseg Santa Cecília.

A gente vai anotar as considerações, Anabela, depois a gente comenta.

**O SR. FRANCISCO MACHADO** – Boa noite, senhores membros da Mesa, Dra. Yara Goes - parabéns pela brilhante apresentação -, senhoras e senhores.

Sou Francisco Machado, vice-presidente do Conseg de Santa Cecília, e gostaria de dizer o seguinte: é muito gratificante ver este auditório praticamente lotado de pessoas com opiniões talvez divergentes, mas que nos congregam no sentido de procurar uma solução positiva para um problema que nos afeta há 48 anos – em janeiro que vem; essa estrutura degradante e degradada, que praticamente detonou quatro bairros da região central, qualificada como uma cicatriz no rosto da cidade de São Paulo. Os problemas de segurança, de saúde, de incomodidade insuportável, enfim, todos os problemas que essa estrutura causa aos milhares de moradores – e eu sou um deles – foram muito bem apresentados na exposição da Dra. Yara Goes.

Creio que as perguntas feitas pela pessoa que me antecedeu estão todas respondidas, se ela não tivesse passado a apresentação toda no celular, passando mensagem; ela praticamente não prestou atenção na exposição inteira. As perguntas estão todas respondidas na exposição, basta prestar atenção à exposição que foi feita.

Nossa proposta é o desmonte, ou seja, trazer o progresso para a cidade de São Paulo. Nós somos a maior capital da América Latina. Ali embaixo do Minhocão parece um país subdesenvolvido na África. Eu tenho vergonha de trazer parentes e pessoas conhecidas para visitar São Paulo porque resido naquela região. Aquilo é uma vergonha! Por outro lado, minha família que mora, uma parte no Rio de Janeiro, está num cartão postal, todo mundo se orgulha.

Então estamos aqui para decidir o que nós queremos: a perpetuação dessa estrutura decrépita, obsoleta, atrasada e que não se resolve, só dá problemas, ou atrair o progresso, revitalizar o comércio, atrair o turismo, gerar empregos, milhares de empregos? O Brasil está passando por essa crise, 14 milhões de desempregados, e nós vimos aqui na exposição milhares de empregos na região do Rio de Janeiro que tirou o Minhocão, tirou a perimetral. Então a decisão é essa, a opção é essa: ou o progresso ou o *status quo* da coisa esclerosada, obsoleta e que só causa problemas para a Cidade. É isso que nós temos. A opção é dos senhores.

Quero louvar o Vereador Caio Miranda pelo excelente projeto que ele apresentou, porque nós estamos numa democracia, senhoras e senhores, e não existe projeto de lei com cláusula pétrea, isso não existe, isso é ditatorial. Projeto de lei se aprova, projeto de lei se revoga. É preciso ver o que é melhor para nossa cidade, e o que é melhor para nossa cidade - em consciência, como líder comunitário e vice-presidente do Conseg de Santa Cecília -, eu afirmo: progresso, desmonte do Minhocão. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Obrigado, Francisco.

Próximo a falar é o Sr. Felipe Rodrigues, arquiteto da Associação Parque Minhocão. Na sequência, a Sra. Juliana Pompeu, da entidade Bike é Legal.

**O SR. FELIPE RODRIGUES** – Boa tarde. Agradeço a exposição da Yara. Percebo que, no fundo, todos queremos uma cidade melhor, na verdade.

Não sou apenas arquiteto apoiador do Parque Minhocão, também sou morador frontal do Elevado, então conheço muito bem os problemas citados. Ao mesmo tempo eu vejo que, primeiro, nós já passamos por essa discussão, longo tempo discutindo democraticamente qual seria a solução para o Minhocão, nesta sala. Saíram três propostas, foram encaminhadas para o Executivo, o Executivo tomou a decisão. Então vejo rediscutir dentro deste auditório o que foi discutido. Eu imagino que seja contraproducente e até coloque em risco os Poderes, o Executivo contra a Câmara, no sentido de, se não for aprovado da maneira como quis, colocar

em votação novamente.

Como urbanista, vejo que a opção de demolir o Minhocão... Eu achei que eu fosse otimista. Muitos pensaram que nós, da Associação, fôssemos otimistas e comparávamos com High Line, coisas do tipo. Mas de fato vocês são muito otimistas e eu entendo até. Mas o histórico desta cidade em demolição é péssimo. Quem se lembra do Viaduto Diário Popular, desde os anos 1980 para ser demolido, nunca se conseguiu e ele não serve para absolutamente nada no Parque Dom Pedro. Ou o Fura Fila, que ficou uma década para ser construído e, mesmo com os pilares lá construídos, resolveram concluir a obra, porque não fazia sentido a despesa da demolição daquilo que já era uma solução malograda para a Cidade.

Essa exposição sobre a demolição de fato não é realista, porque os exemplos que a Sra. Yara citou, por todo o mundo, todos eles removeram a população do entorno, das áreas. Eu sou urbanista e estudei esses casos também, até para me munir contra argumentos desse tipo. Então o valor não está na demolição do elevado, está na mitigação, no que acontece no contexto dessa demolição. É uma demolição porque a estrutura está consolidada, está cimentada, até desmontar precisa demolir, e depois que desmonta precisa demolir mais um pouco. Então é uma demolição.

Eu gostaria também de receber o projeto Parque do Minhocão, nós não temos nem o projeto, muito menos o custo que vocês avaliaram. Eu gostaria de recebê-lo.

Engraçado, estamos lutando por uma Cidade muito parecida, pela sua melhoria, mas a cidade de São Paulo não comporta um gasto desse tipo com outras tantas prioridades as quais algumas foram elencadas pela Anabela, e são muitas.

Eu vou encerrar, mas saúdo a iniciativa de se querer uma Cidade melhor, nós também queremos! (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – A próxima inscrita é Juliana Pompeu, da entidade Bike é Legal.

Anoto aqui a presença do Professor Valter Caldana, queria pedir que se juntasse a nós, que sentasse na primeira fileira e oportunamente pudesse oferecer sua contribuição. Também a presença da Professora Dra. Ana Marie Summer, professora da FAU e Mackenzie.

**A SRA. JULIANA POMPEU** - Boa noite. Eu também parabenizo em relação à vontade de uma Cidade melhor, mas eu acho que a palavra progresso fica um pouco perdida demais quando a gente tem de pensar em como está sendo o uso.

Quando você fala, o Minhocão foi feito para os carros, mas a Cidade o ressignificou e pra além dos moradores, que tem todo o direito de reclamar, de pensar em propostas. Temos de levar em consideração que existe um uso cidadão desse espaço, que não é só pelo carro, é pela bicicleta, pelo pedestre, pela saúde. Muita gente usa para muitas coisas, inclusive o exemplo de que hoje em dia fecha mais cedo, e ele está cheio. Aos finais de semana, agora fecha de sábado mais cedo, e ele tá cheio. Então a gente tem que levar isso em consideração. Talvez no discurso falte exatamente isso, pensar nas pessoas, em como está sendo o uso por outras pessoas. É uma área em que falta espaço, em que falta parque, em que falta estrutura de lazer pra fazer exercício, pra se viver de outro jeito e ele cumpre essa função. Querendo ou não, ele tem muitos problemas, eu concordo que é uma cicatriz, mas cumpre essa função e isso tem que ser discutido.

Quando se apresenta um projeto que para o tipo de orçamento no desmonte, nem entrando no mérito do que pode acontecer com a saúde, de quais são todos os custos, se é viável ou não, vocês não estão falando no que, de fato, vai ser feito depois. Como é que esse bulevar, como é que essa vivência será desenvolvida para as pessoas? Então a gente tem medo de um eventual desmonte que dê mais espaço pra carro e simplesmente esqueça o que ele está representando hoje em dia pra Cidade.

Pra mim, está bom, não preciso falar mais nada.

Obrigada! (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** - Tem a palavra o Sr. Davi de

Lacerda, morador de Santa Cecília. Após o Sr. Davi, o Colega Police fará alguns comentários.

**O SR. DAVI DE LACERDA** – Boa noite a todos. Sou da Associação Parque do Minhocão. Achei impressionante a apresentação, acho que construir narrativas fantásticas é sempre algo fácil, difícil é a gente lidar com os reais problemas da Cidade.

O Minhocão foi e é um problema, tanto é que nós estamos discutindo sobre ele, e isso permanece porque é de difícil demolição ou de desmonte, como queiram falar.

Há outros problemas sim, mas foram ressignificados, como foi falado pela Juliana, pela população, e foi uma ressignificação lenta, não foi do dia pra noite, não é uma narrativa fantástica. É uma concretude, uma conquista da Cidade, uma conquista nossa, dos moradores do Centro. Então é muito importante valorizar o que foi a decisão da população que não necessariamente está aqui, entre as pessoas da Câmara, mas as que são usuárias desse Parque.

Quando o Ministério Público tentou impedir que essas pessoas subissem naquela estrutura para usá-la como lazer, o Ministério Público não conseguiu e não foi porque não quis, foi porque as pessoas não deixaram. É importante ter isso em mente, é importante ter essa realidade, que é a realidade das pessoas que estão usando o local, todo dia à noite, aos sábados, aos finais de semanas, porque aquilo ali é usado como lazer, tem uso benéfico pra Cidade e é uso não previsto, um uso não narrado no projeto quando ele foi construído em 1970 de uma forma autoritária.

Então essa transformação é muito importante. Acho que depois de todas as discussões que nós tivemos, poderíamos estar discutindo outras coisas. Nós poderíamos discutir a questão da gentrificação porque não é verdade que o Minhocão está ali e não está havendo revitalização no Centro da Cidade. É verdade, os preços dos aluguéis estão subindo e por isso muita gente se preocupa em ser deslocado. Existe um projeto, o PIU Projeto de Intervenção Urbanística, nós podíamos falar do PIU em vez de estar retrocedendo pra coisas que nós já discutimos tanto.

Outra coisa: há outros espaços na Cidade – na São João, na Rua Helvetia e a Rua Líbero Badaró, que é aberta: por que nós não propomos coisas para esse espaço em termos de revitalização? Essa é uma sugestão que dou antes de pensar em só retirar aquela região.

Então, há também moradores de rua. Devemos nos preocupar com essas coisas, que são muito importantes, acho que muito mais necessária, mais atual do que retornar uma discussão passada.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Obrigado Davi. Antes de passar a palavra para o Colega Police, quero aproveitar e dizer o seguinte: não sei se todos leram o PL que está sendo discutido. O texto é bem claro. Como está sendo discutido parece que estamos inovando uma discussão que já houve.

Toda discussão que houve, desde o Plano Diretor, sempre esteve presente a hipótese do desmonte, sempre esteve. O Prefeito João Dória, ex-prefeito, agora Governador, vetou sem qualquer justificativa. Ele simplesmente atropelou, desrespeitou a discussão que houve até ali.

Eu entrei na Câmara em 2017, antes eu não participei. Tenho grande respeito tanto pelo Police quanto pelos demais autores que trataram do projeto. Se o Police lembrar, no dia da segunda votação, eu falei com ele: isso aqui atropela, eu sou morador da região, estou em contato com uma série de pessoas que são contrárias exclusivamente ao Parque. Ele me disse: Caio, não se preocupe, aqui no inciso III há previsão do desmonte. Ele então me convenceu de que não valia a pena obstruir a votação e inviabilizar a segunda votação, pedindo votação nominal. Só que o João Doria desrespeitou, vetou o projeto sem justificar.

O projeto fala simplesmente o seguinte: “Fica o Executivo autorizado a realizar o desmonte do elevado João Goulart, com a devida requalificação urbana na respectiva área e seu entorno, conforme disposto no artigo 375, parágrafo único da lei 16.050 (que é o Plano Diretor). O Executivo terá o prazo de um ano, a partir da publicação desta lei, para concluir



avaliação dos impactos no trânsito da Cidade decorrentes da restrição total do tráfego no elevado, e apresentar os devidos projetos de requalificação urbana. (O Executivo). Os projetos de requalificação urbana adotarão as medidas necessárias para adequar o sistema viário da região priorizando as soluções Integradas de mobilidade urbana e de ocupação do espaço público para atividades culturais, esportivas e de lazer atendidos os padrões de incomodidade vigentes. O desmonte do elevado deverá ser concomitante com sua completa desativação como via de tráfego, evitando o agravamento da poluição nos baixos do viaduto”.

Este artigo 4º é só caso o Executivo, depois de um ano, estudar e apresentar, decidir pelo desmonte. Ele pode falar: “Prefiro fazer o parque com total ou parcialmente com base em estudos, orçamentos das empresas, fazer chamamento público etc”. Portanto, este projeto não é autoritário, não exclui toda a discussão que foi feita, ele só retoma uma parte da discussão que o Prefeito João Doria vetou, de forma discricionária e sem fundamentação.

“Artigo 5º: Art. 5º As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias.” E termina a lei.

É uma lei muito simples, que recupera uma das opções que o Plano Diretor previu. Então não há nada de atroz aqui, nada de intransigente.

Peço desculpas aos colegas que falaram aqui com relação à discussão. E nunca é demais discutir, não estamos perdendo tempo aqui. Se a empresa apresentada aqui, a Desmontec, não serve, que surjam empresas sérias tanto para o parque, quanto para o desmonte.

O PL não tem condão de favorecer empresa alguma, e tem que ser técnico. Todos nós aqui, nesta Casa, sabemos que tudo tem de ser técnico, com licitação e tudo mais. Então, esse debate é salutar e, quanto a derrubar veto, sabemos que a realidade nesta Casa de derrubar veto não existe, é conto de fadas.

Então, este projeto tem o viés mais respeitoso possível, e podem ter certeza de que essa discussão deverá prosseguir, até mesmo porque, se o Prefeito quiser que seja parque,

embora não seja a minha visão, tem que estar bem fundamentado, bem claro, e não só com maquete, seja parque ou desconto.

Quero registrar a presença da Sra. Letícia, Assessora do Vereador Mario Covas Neto, coautor da lei.

Tem a palavra o nobre Vereador José Police Neto.

**O SR. JOSÉ POLICE NETO** – Todo debate tem um começo, meio e fim. Se todas as vezes que a gente conclui um debate reabrir, por desejo ou porque não concordou com a decisão que foi tomada, a gente nunca encerra e nunca esgota nenhum dos debates que apresentamos.

Então, a Câmara fez o seu debate. Foram cinco anos de intenso debate, que passou por momentos tensos e momentos de muita alegria. O Minhocão passou a ter um uso absolutamente espontâneo tão logo a Prefeita Luiza Erundina determinou, por via de lei, a não circulação de carros aos domingos; e isso não foi produzido por um chamamento de ninguém. As pessoas subiram, porque encontraram um espaço que poderia servir e ter um novo uso.

Portanto, não é novo para a Cidade o uso do Minhocão nos últimos 30 anos para atividades que não só a circulação de carros. Não se tem informação de acidente, embora houve muito acidente de carro, de moto, mas nunca com pessoas. Então, por sorte, o uso espontâneo e responsável não levou a nenhuma fatalidade. Mais do que isso, a gente viu imagens do Minhocão lotado. Talvez alguns tenham torcido para que houvesse uma catástrofe que justificasse a demolição do Minhocão.

Por diversas vezes, o Minhocão foi palco de maratonas, passeios ciclísticos, yoga, etc. É verdade, o maior grupo de yoga a céu aberto do mundo acontece lá. Duvido que atrapalhe a vida de alguém. Mas acho que a gente tem um trabalho longo ainda.

A lei já aprovada determinou a criação de um Conselho Gestor. Talvez essa seja a questão fundamental que a gente devia estar discutindo neste momento. Todos nós que queremos reduzir o ruído, melhorar a segurança, podíamos estar aqui decidindo questões que,

sem dúvida, avançam, olham para o futuro. Mas, não; a gente opta por apresentar um projeto para recomeçar um debate que a Câmara esgotou.

Em momento algum, esta Casa disse que não queria este debate, até porque o fez. E terminou com um texto que apontava três soluções. É verdade. Na democracia, o Prefeito tem o condão do veto. Não é ausência ou presença de arbitrariedade; essa é a forma que se construiu a democracia. E o nobre Vereador Caio Miranda, como Advogado que é, sabe que o Prefeito tem o condão de vetar não só este projeto, mas todos. Ele poderia ter vetado o projeto como um todo, ou parcialmente.

Então, temos que estabelecer as coisas como são, senão a gente passa uma informação para a sociedade que não é verdade. O debate foi feito, chegamos a um fim desse debate depois de um longo percurso. Passamos aqui dois anos de reuniões infindas, aproximando de um texto que comportasse o maior volume de todas as sugestões. A Câmara fez o seu trabalho, que terminou com uma votação apertada. Na primeira, 32 votos favoráveis; na segunda, 28 votos favoráveis.

É verdade que a votação não foi nominal. Mas se o nobre Vereador Caio Miranda não lembra, a gente teve que contar aqueles que tiraram os votos, porque mudaram os votos, o que consagrou os 28 votos.

É verdade que, ano passado, a gente votou muito projeto por voto de liderança. O Minhocão foi duas vezes votados e as duas vezes superando os 50% dos votos da Casa, com maioria absoluta. Por isso, tenho a tranquilidade de querer seguir, e não recuar.

O que a gente está fazendo aqui, desculpa, é um recuo. Porque, se a gente tivesse imbuído do desejo de restabelecer o que a lei já trouxe, seria na tentativa de derrubar o veto. É difícil derrubar o veto? Sem dúvida. Mas, mesmo com todos os vetos que tive em cima dos meus projetos, não ofereci outro projeto só para reescrever aquilo que, democraticamente, compete ao Prefeito, que é decidir sobre as proposituras aqui apresentadas.

Acho que a gente fará um bom debate aqui, como fizemos vários. Mas,

infelizmente, a gente perde uma oportunidade de avançar no Conselho Gestor, naquilo que a sociedade espera; porque, se 50% da Casa votou favoravelmente e se o Prefeito vetou apenas um pequeno espaço deste projeto, nós temos uma oportunidade de dar qualidade a esse parque, que precisa sim de um Conselho Gestor que siga na espontaneidade dos seus usuários.

Um parque que tem uma companhia de teatro que, aos domingos, se abre para a Cidade é de comemorar. São poucos os parques em São Paulo que têm isso. É verdade que a gente não quer copiar os outros do mundo. A gente tem talento, competência, e um conjunto de pessoas disposto a fazer a diferença para a cidade de São Paulo. Por isso acho que a gente tinha que avançar, mas sinto que, no dia de hoje, a gente está dando marcha ré e assim a gente perde uma oportunidade de um debate que já foi feito, com a competência da sociedade que participou com a gente.

Vou me retirar porque tenho outro compromisso, mas deixo a minha equipe acompanhando. Estou à disposição para continuar o debate produzido pela lei que já temos. É uma lei eficiente, que determinou em 720 dias um PIU que oferecerá para a Cidade qual o melhor arranjo. O Executivo já iniciou estudos do PIU, a gente tem, pedindo via Comissão de Política Urbana, que a gente já tenha, ao final do primeiro ano, a apresentação de todos os primeiros estudos que já foram elaborados, já que a gente tem dois anos de estudos para isso, nos 720 dias, mas sinto que esse seja o momento precioso para a gente conseguir avançar no Conselho Gestor e, a partir do Conselho Gestor, normas importantes para facilitar coisas que foram aqui apresentadas. Como a gente pode trabalhar as questões de segurança, do uso cada vez mais responsável pela parte de cima e pela parte de baixo do nosso parque.

Agradeço a todos que vieram e desejo um bom debate àqueles que continuam aqui. Tenho certeza que da mesma forma que a gente fez nos últimos cinco anos vamos ter mais um dia de bons debates aqui, sempre lembrando, a gente conseguiu fechar um ciclo e o meu desejo era conseguir avançar e não dar marcha ré.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Agradeço ao Colega Police. Registro a presença da Sra. Asuncion, que é assessora do Vereador Aurélio Nomura, que é presidente da CCJ e que também está acompanhando a audiência pública.

**O SR. JOSÉ POLICE NETO** – A gente tem o pessoal da CPPU, tem o pessoal do Executivo, ainda não pertencem ao Executivo, sou um legislador, então... quem cuida disso é a São Paulo Urbanismo, então, o que eu estou falando é que a gente tem de cobrar via Comissão de Política Urbana da São Paulo Urbanismo, é ela a responsável pela elaboração do PIU.

Tem a palavra o Sr. Leonardo Cirino, morador da república.

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY** – Permita-me, Vereador Caio Miranda, eu votei favoravelmente ao PL apresentado pelo Vereador José Police Neto e confio no discernimento dele e acho importante a realização desse debate, mas estou com uma emergência agora e preciso me ausentar. Não sou membro dessa comissão, mas cumprimento por estarem fazendo esse debate com um público tão grande aqui, especialmente de moradores da região do Minhocão.

**O SR. LEONARDO CIRINO** – Boa noite a todos. Sou morador da região, moro no bairro da República e estou aqui hoje principalmente por essa democracia, esse respeito que é importante a gente ouvir os dois lados para que a gente consiga o melhor para a nossa cidade. Sou publicitário, sou marqueteiro, e sempre batalho para captar um pouco o que as pessoas desejem, um pouco para o seu dia a dia e para a sua vida.

O que me chamou a atenção de todo o bate papo aqui hoje, e vim aqui de coração aberto para entender o ouvir os dois lados, é que toda a problemática que aqui foi apresentada ela se dá numa comparação de um desmonte, na minha leitura, com a presença de um viaduto. Eu sou a favor de um desejo de um parque e não sou a favor de um viaduto. Quando eu comparo todas as questões de segurança, todos os temas de quem mora ao lado, de valorização e tudo o mais.

Se eu comparar com o viaduto é óbvio que eu vou preferir que não exista o viaduto. Se eu comparar com o parque, na minha percepção eu prefiro um parque. O Minhocão se tornar uma área de convívio, uma área onde as pessoas se apropriaram. A gente vê no mundo inteiro um desejo das pessoas se apropriarem do espaço público para que elas possam conviver. Todos os exemplos aqui citados, sempre em comparação à segurança, em alguns bairros dessa Cidade, que estão colados a área de atividade física e que possuem estrutura ideal e segurança para isso, são bairros extremamente valorizados, só que sem a segurança, sem a estrutura, sem a marquise, sem o gradil no tamanho correto, óbvio que se a gente comparar dessa forma, é um risco muito grande a decisão que foi tomada. Quando a gente pega como exemplo o Rio de Janeiro, para mim infelizmente o Rio é um grande exemplo de que o simples fato de investir em uma nova visão de urbanismo, que é o exemplo citado, não garantiu o que hoje o Rio de Janeiro vive, para quem acompanha, a pior crise da sua história, é só acompanhar.

Mas o principal, quando olho para a apresentação aqui que acompanhei, com os poucos dados que aqui estão, talvez vocês tenham muito mais dados para compartilhar, a comparação com um viaduto, eu não quero um viaduto, a comparação com um parque, eu morador, desejo um parque. E para isso existem investimentos em segurança, em estrutura e gostaria de comparar a problemática de um projeto de um parque com a problemática do desmonte para a melhor decisão. Como foi apresentado o prefiro o desejo de um parque, essa é a minha contribuição. Obrigado pelo esclarecimento. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Sra. Rosana Santa Rosa, moradora da zona Oeste.

**A SRA. ROSANA SANTA ROSA** – Olá, boa noite. Eu vim a convite do Caio e também do pessoal do Movimento Desmonte, mas fiquei impressionada quando cheguei aqui porque concordei com várias coisas do pessoal que não é a favor do desmonte. Também sou a favor do uso cidadão, achei a apresentação da Yara simples e sou conservadora. Só que sou a

favor do desmonte. Sou conservadora porque acho que a gente tem de andar no chão, não tem de ficar andando lá em cima no parque. Mas a gente não anda no chão, debaixo do elevado porque é insuportável andar ali, por causa do ruído, da poluição visual.

Aquela foto do parque é muito bonita, é toda branquinha. Quem viu a troca do forro há alguns anos que teve debaixo do elevado, viu que aquilo não durou um mês branquinho, logo ficou preto.

Achei simples a apresentação da Yara e a parabenizo, porque é simples, não precisa ser um PhD ou alguém que entende de nano partículas para entender a apresentação dela, ela fez uma apresentação para todo mundo. E quem quiser maiores detalhes, o pessoal do desmonte está disponível para apresentar maiores detalhes.

E eu sou a favor do uso cidadão daquele lugar pelo cidadão, mas qual cidadão? Todo cidadão e não só aquele que pode ficar passeando lá em cima, andando de bicicleta. Mas o cidadão que está indo levar o filho para a escola, que está indo para o pronto-socorro, que está se deslocando para o trabalho. E quem anda lá embaixo vê, no último sábado, por exemplo, eu aproveitei para observar. Tinha centenas de pessoas se deslocando embaixo por várias razões e tinha uma meia dúzia passeando em cima.

Então, por que o cidadão que anda embaixo tem de ser penalizado em detrimento do lazer daquele que passeia em cima? De segunda a sábado a maioria das pessoas está trabalhando, cuidando dos filhos, indo estudar. Então, o cenário de domingo pode ser até muito bonito, mas de segunda a sábado inclusive, porque ali é uma área comercial que funciona muito, a situação é diferente.

Então, eu realmente achei a apresentação excelente, simples, eu realmente sou a favor do uso cidadão. E outra coisa, tem uma ciclovia lá embaixo, mas ela é tão insuportável porque tem um monte de pilares da estrutura que você tem de desviando e aquela poluição, tudo escuro, é tão horrível que ninguém quer andar na ciclovia lá embaixo, todo mundo quer andar lá em cima.

Então, eu realmente espero, eu não acho que é um retrocesso, acho que é um avanço. E da próxima vez, o projeto de parque não exista lá em cima, mas o parque seja lá embaixo, com as árvores na terra e a gente caminhando. (Palmas)

E o yoga, eu não sou contra o yoga, mas enquanto tem gente fazendo yoga lá em cima e tem gente caminhando lá embaixo na poluição sonora, visual e do ar, eu realmente acho que o yoga é um problema. Obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Sr. Roger Vitale, do Movimento Desmonte Minhocão.

**O SR. ROGER VITALE** – Boa noite a todos, sou morador também da Santa Cecília, quero parabenizar a Yara pela apresentação, e queria dizer que essa apresentação não foi tão simples assim. Ela está baseada em profissionais de altíssima qualificação, conforme ela mesma demonstrou e está à disposição de todos.

Essa polarização, acho que faz parte do processo, nós todos somos moradores do bairro, da região. É importantíssimo que a gente discuta, com todo respeito, eu entendo que houve o processo legislativo de cinco anos discutindo e, enfim, houve duas votações. Mas acredito que ainda, baseado nas informações também que escutamos da colega, 280 mil pessoas habitam a região e apenas 12 mil assinaram o abaixo-assinado que apareceu. Portanto, acho que não existe uma unanimidade com relação a essa questão. É claro que neste auditório, você pode ter maioria ou minoria, não importa. O importante são questões técnicas.

Agora vou dizer do aspecto da minha impressão como morador. Tenho dois filhos pequenos, se eu tivesse de escolher entre passear no Minhocão e ir até o Parque da Água Branca, eu vou até o Parque da Água Branca que é muito mais lúdico e agradável. Se eu tiver de passear com eles, eu posso passear no Parque Buenos Aires, se eu puder passear um pouco mais longe, eu vou até a Paulista que também é uma bagunça, mas enfim você tem uma série de eventos e situações. Agora, logo terá o Parque Augusta. Ou seja, um parque em cima



de um viaduto que realmente só causou problemas para São Paulo e faz ligação leste-oeste-norte-sul, acho que faz parte do progresso. Foi mencionado o progresso, eu entendo as pessoas conservadoras, eu sou conservador em muitos aspectos. Mas vejo que não podemos neste momento, temos de pensar no aspecto urbanístico, não são só questões que foram abordadas, que respeito, mas na minha opinião a questão urbanística é a mais relevante neste momento.

Enfim, encerro minha fala, volta a dizer que respeito o ponto de vista das associações que são a favor do parque, mas o desmonte é a melhor solução realmente. Se vocês avaliarem com mais cuidado, vocês vão observar isso. Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Sra. Francisca Paula Guerra, também do Movimento Desmonte. E depois o Sr. Athos Comolatti, da Associação Parque Minhocão.

**A SRA. FRANCISCA PAULA GUERRA** – Boa noite. Infelizmente, eu moro do lado do Minhocão há bastante tempo e só piorou desde que moro lá. Então, até agora só ouvi as pessoas falando de esporte, lazer, que é bacana, yoga, mas não vi ninguém falando do sossego dos moradores. Eu, por exemplo, domingo agora, 7h da manhã estava o funk na minha janela, eu tive de levantar e ir para minha sala. O meu sonho é sair daquele lugar, inclusive, o pessoal que quiser comprar o meu apartamento está à venda. (risos) Estou vendendo porque eu não tenho sossego, nem fim de semana, feriado. 10h da noite ficam gritando para pegar a bola. Eu tenho de sair no fim de semana e procurar ir para o interior, para a minha família, porque eu não consigo ficar na minha casa. De verdade, se alguém quiser comprar meu apartamento, pessoal do parque, está à venda, porque eu não tenho mais como continuar naquele lugar, nem em cima, nem embaixo.

É horrível. É fedido. Não tem Segurança. Eu escuto da minha janela: “Pega ladrão! Pega ladrão!” Vou ver e roubaram bicicleta. É todo dia, quando fecha. Antes, era um pouco melhor, porque fechava só no domingo. Agora o inferno começa no sábado. No sábado, cedo,

já começa. Então, o meu recado é esse.

Obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Obrigado, Sra. Francisca. Sr. Athos Comolatti, da Associação Parque Minhocão.

**O SR. ATHOS COMOLATTI** – Boa noite a todos. Obrigado pelo convite. Eu sou fundador da Associação Parque Minhocão e, desde o início, eu falei que eu não moro lá, mas eu sempre gostei do uso que as pessoas fizeram do lugar. Naturalmente, era difícil imaginar que discutiríamos tanto esse tema, do modo como a coisa foi evoluindo.

Para começar esta minha análise, eu estive lendo a parte do Facebook do nobre Vereador Caio Miranda Carneiro e S.Exa. afirma que a criação do parque é competência do Executivo, o que torna ilegal a lei aprovada na Câmara e sancionada pelo Sr. Doria. Então, aqui, eu gostaria de fazer uma sugestão. Se V.Exa. considera ilegal, tem de entrar com uma ação no Tribunal de Justiça. Esse é o primeiro ponto. Nós entendemos que é legal a lei, porque tramitou aqui dentro, foi votada, respondeu a uma coisa específica que o Plano Diretor propôs e tudo foi feito de acordo com a lei.

Agora, quando a coisa não agrada um lado e este quer continuar a discussão até o momento em que vence, aí, é uma coisa que talvez não seja exatamente democracia. Embora eu entenda o direito de se continuar discutindo, em termos dessa lei, no nosso modo de ver, encerrou-se a discussão.

Ou seja, o Executivo escolheu fazer parque. Que parque? Não sabemos. Não temos projeto. Não adianta falar que vai custar 400 milhões, pois nós nunca fizemos projeto. Ou seja, para nós, o que está lá é oficialmente declarado como sendo um parque. Tem, inclusive, já indicado o gestor do Parque Minhocão. Ou seja, o Executivo está andando. Andou. Está fazendo o PIU. Ou seja, estamos, assim, discutindo algo que em tese não é para se discutir mais.

Quanto ao problema da poluição – que eu entendo que é grave, sim – foi mostrada

e divulgada pelo nobre Vereador uma matéria feita por um pesquisador. Inclusive, essa pesquisa foi feita dentro do apartamento usado pela Associação. O Minhocão é 79% mais poluído do que o resto da Cidade. Perfeito, mas se esqueceu de ler que os maiores culpados não são os carros – e, sim, o agitado corredor de ônibus a Diesel abaixo da estrutura que conecta Leste a Oeste do Município. Então, a proposta de poluição sonora e... Talvez não seja preciso desmontar o Minhocão.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. ATHOS COMOLATTI** – Pois não. Eu vou acabar. São só ônibus elétricos. Já se resolve, assim, todo esse problema da poluição.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Agora, é a Sra. Tanila Savoy. Logo na sequência, será a Sra. Caroline Andrade.

**A SRA. TANILA SAVOY** – Boa noite. Meu nome é Tanila. Eu moro na região de Santa Cecília há anos. Trabalho na região. Meus filhos estudam próximo à região. Ou seja, eu vivo no bairro há anos e eu sofro, também, as consequências do Minhocão.

Quando o movimento do MDM foi-me apresentado, eu achei que fosse, assim, um alento, algo que viesse como um sopro para nós, que moramos e vivemos ali. O projeto do Sr. Caio Miranda Carneiro é fantástico. Tem de ir para frente. Tem de ser aprovado.

Talvez, há 50 anos, quando o Minhocão foi construído, naquela época, ele se fizesse necessário. Hoje, ele não se justifica mais. A explicação da Sra. Yara foi fantástica. Eu já havia conversado com ela e com a equipe do MDM antes e os argumentos deles são fortíssimos, viáveis e sérios. Então, se queremos a revitalização dessa região, se queremos Saúde para quem mora ali, no entorno, e um pouco de vida melhor, esse desmonte se faz necessário. Não se justifica mais um Minhocão viário. Não se justifica. Já há o Plano Diretor, como o Vereador Caio Miranda Carneiro mencionou. Então, para carros ele não vai ser mais viável. Não vai.

Agora, parques temos muitos. Eu tenho crianças. Eu levo meus filhos até o Ibirapuera. Está longe? Está, mas eu tenho o Parque da Água Branca. Eu tenho a Praça Buenos Aires. Eu tenho o Pacaembu. Eu vou correr no Pacaembu. Então, há, sim, locais próprios, adequados, no chão, sem interferir na vida das pessoas que moram ali, no entorno.

Temos de ter, também, um pouco de empatia pelo próximo, pelo cidadão, e olhar um pouco além do que nos é reservado, além do que nos causa prazer, olhar para eles, que vivem ali. Antes de vir aqui, eu conversei com muitas pessoas que moram ali e é sofrível. É deprimente. É degradante o que eles passam ali. Então, eu acho que é esse o olhar que temos de ter, de empatia ao próximo.

Que o projeto do Vereador Caio Miranda Carneiro vá para frente. É um projeto sério, competente e que vai dar um alento para todo mundo.

É isso. Obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Agora, é a Sra. Caroline Andrade, que é moradora da região.

As inscrições já foram encerradas. Temos, ainda, depois da Sra. Caroline... Ela é a de número 12 e vai até o número 30.

**A SRA. CAROLINE ANDRADE** – Boa noite a todos. Eu sou a Caroline. Sou moradora do bairro, ali, na Santa Cecília. Hoje, eu penso sobre a questão da gentrificação, mesmo, no bairro. São Paulo, hoje, vive um início do processo de gentrificação. Como a Prof. Ana Fani fala, a Cidade se dá por uma nova reprodução do capital e essas questões estão no início, aqui, em São Paulo. Em outros países, o processo de gentrificação já aconteceu. Então, o que a gente tem que pensar, como morador, relacionado ao Parque Minhocão, é como isso não virar uma área de uso privado, para aqueles que poderão ter condições de morar no entorno. Por exemplo, num prédio novo que está na São João, a duzentos metros do metrô Santa Cecília, entrando ali perto do terminal Santa Cecília, um aluguel ali está custando, em média, três mil reais. Então, é um novo tipo, uma nova classe social que vem morar na região.

São vários fatores.

Uma das propostas, como corretor de imóvel desse prédio, é usar o Parque Minhocão como uso de lazer. O que eu imagino? Que isso se torne um uso só para essas pessoas que têm uma condição social melhor, de morar ao entorno de um parque. Vendem essa proposta como um uso particular daquelas pessoas. Então, eu acho que, de qualquer forma, o processo de edificação já acontece com o desmonte, com o parque. Ele vai acontecer e ele afeta a uma população mais carente, que teve a possibilidade de morar no centro com a desvalorização. O capital sai da Cidade e vai para a Paulista e para a Faria Lima, e agora ele volta e pode causar um dano para os moradores antigos, como a minha família. A gente mora há muito tempo lá e eu temo por isso. Então, eu acho o estudo deve ser continuado. A gente tem que continuar esse debate. Eu penso nisso, que a revitalização, dentro das operações urbanas para a cidade de São Paulo, a Prefeitura, o município, não deve se voltar apenas às construtoras, apenas ao capital. Ela tem que cuidar da população como um todo. Então, eu acho que cabe muito mais à Prefeitura, ao município cuidar disso, na questão das operações urbanas.

Obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o nobre Vereador Claudio Fonseca.

**O SR. CLAUDIO FONSECA** – Boa noite a todos. Eu gostaria de salientar que essa audiência pública está sendo realizada no âmbito da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Municipal. Eu sou relator do projeto e seria muito simples dar um parecer pela legalidade e pela constitucionalidade. Vou dar um parecer pela constitucionalidade e pela legalidade do projeto. Não há óbice para que a gente manifeste dessa forma. O mérito do projeto poderia estar sendo debatido na Comissão de Política Urbana, tanto em audiências públicas, como na própria comissão, entres os seus Vereadores, discutindo, como já ocorreu no Plano Diretor Estratégico, a discussão do uso do Minhocão, a finalidade e o que se faria

com ele posteriormente. Quando ocorreu a discussão do Plano Diretor, eu estava aqui.

Houve o debate, porque havia discussão inclusive de quais seriam as rotas alternativas para deslocamento da zona Leste até à Zona Oeste de São Paulo. Na ocasião, chegou-se inclusive a especular a possibilidade de se utilizar a via férrea Brás, até a Lapa com aterramento da via férrea, fazendo sobre a via férrea dar acesso à zona Oeste de São Paulo. Debate houve. Pode ser que ele não tenha sido conclusivo, pode ser que ele não atendeu a todos, mas debate houve. Sou Vereador e estive Vereador naquele período, quando houve essa discussão.

Então, do ponto de vista legal, é possível. É assim que nós vamos nos expressar. Esse público, para quem já participou de outras audiências públicas, muitas vezes, é muito mais conflagrado, muito mais polarizado. E por que não há polarização? Eu já vi pessoas aplaudirem, nesse espaço, o desmonte e aplaudirem o parque. Eles não são incompatíveis. É a finalidade do Minhocão que está sendo discutido. Como se faz com que aquele espaço ocupado hoje pelo Minhocão se transforme num espaço de uso comum? É a busca e o desejo de todos haver uma Cidade com maior índice de saudabilidade. Eu vejo isso em todos que aqui estão, como transformar a Cidade em espaços ocupados de forma mais saudável. Então, não há um confronto. Não é o conflito. Qual é o meio? O debate ocorre também até porque o Poder Público não tem nem recursos imediatos para fazer o desmonte nem para construção de parque. Haver um debate é importante. É salutar, porque pessoas vão fazendo com que o próprio Poder Público depois se desloque e confira o que é prioritário. Parques, na Cidade, nós temos cerca de cem, e há uma discussão inclusive quanto à questão da concessão dos parques, identificando inclusive a dificuldade do próprio Poder Público, de manter os parques já existentes. Há um custo de instalação, de criação e depois há custo de manutenção, de conservação, de segurança, de vigilância e vai por aí fora.

Então, nós temos problemas do ponto de vista orçamentário, e eu não acho que é incompatível uma solução como outra e nem estamos num debate entre conservadores e

progressistas. Eu acho que isso é fazer uma redução da discussão. Imaginem, em 1970, como era o debate entre quem queria a construção do Minhocão, que poderia ser entendido como um progressista, numa Cidade desenvolvida, com fácil locomoção, com ocupação de espaço pelos automóveis; e aqueles que não queriam o Minhocão eram considerados como conservadores. Então, é muito pouco para se enquadrar o sentimento, a vontade e o desejo das pessoas acerca da melhoria da Cidade. Nós não estamos no embate entre conservadores e progressistas. Nós estamos numa discussão de como encontrar uma Cidade mais saudável, numa Cidade onde se respeita o direito de morar, o direito de ir e vir, o direito de lazer, o direito de recreação, numa Cidade mais respirável.

O Vereador José Police Neto é um dos Vereadores bem qualificados na discussão da política urbana. O Vereador Caio Miranda Carneiro, ainda jovem, chega à Câmara Municipal com o interesse também de buscar soluções para a cidade de São Paulo. Não está querendo brigar com os moradores. Está vendo, identificando, entre os vários agentes da Cidade, aquilo que trazem para a Câmara Municipal como vontade, como desejo de melhorar a cidade de São Paulo.

Então, eu sou pela proposta de desmonte do viaduto. Isso me seduz muito mais do que construir um parque sobre o viaduto. Eu sei que a solução não é fácil, e nem acho que seriam somente 28 milhões, porque é muito bom ver pessoas saindo e se deslocando. Tudo isso é muito fácil. Tomara fosse assim mesmo, para a população não sofrer nem com poluição, nem com pó, nem com resíduos e nem com interdição de trânsito, mas não é assim. Mas há custos na Cidade, e, às vezes, os custos são inclusive de incomodidades momentâneas, para haver soluções mais definitivas.

Como eu não sou exatamente a pessoa que vou discutir o mérito do projeto, só vou dar o parecer pela legalidade e pela constitucionalidade, eu me manifesto aqui. O meu parecer será pela legalidade e pela constitucionalidade; e espero que todos que aqui estão possam buscar harmonicamente solução, porque eu não vejo desejos e vontades conflitantes. Ambos

querem, e é possível se compatibilizar uma Cidade mais saudável com o desmonte do viaduto, criando, naquele espaço, áreas de uso comum, preservadas, conservadas e mantidas pelo Poder Público.

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Nós vamos dar continuidade aos trabalhos. Eu quero só aproveitar a oportunidade para comentar. O colega Athos, da Associação do Parque, falou sobre a questão da legalidade. Eu não tenho competência constitucional para propor, para questionar a legalidade dessa lei como Vereador. Quem pode fazer isso são partidos políticos, associações com mais de um ano, o Ministério Público, mas eu, como Vereador que valoriza a política, sempre prefiro que a gente tente, no âmbito político, equacionar as questões e não judicializar. Aí a gente vai levar para o Judiciário a responsabilidade de resolver. A ilegalidade que há pode ser suscitada; ela é de iniciativa. Se eu fizer uma lei criando um hospital, ela é uma lei ilegal. Eu não tenho essa competência. Compete ao Executivo criar o hospital. Se eu fizer uma lei criando um parque - o Largo do São Francisco agora é um parque - é ilegal, mas, como mecanismo político, tem que ser suscitado pelo ente competente. Eu não sou como Vereador. Eu não posso. Está na Constituição, e eu nem acho que essa é a via adequada. Eu acho que a via adequada é a gente tramitar um projeto que acrescente, como previa o Plano Diretor, a terceira hipótese, que é o desmonte. Aí o Sr. Prefeito, com base em estudos técnicos e viabilidade técnica, vai ter que tomar essa decisão, porque todos nós sabemos que, na hora que se desativar totalmente para veículo, não houver recurso para fazer os investimentos, uma coisa é importante ser dita: eu sou Vereador desde 2017, mas eu sou morador da Cidade, na região. Eu acompanho o debate. Quanto à ideia de parque, em simplesmente tirar os carros, e o pessoal ocupar e se apropriar, o Ministério Público já falou que não dá. Houve galinhada do Alex Atala. Eu fui lá. Comi a galinhada. Não pode haver uma aglomeração acima do que é a segurança. Então, as restrições que hoje há para número de pessoas, banheiros, saída de emergência e uma série



de coisas que tem que haver num parque requer investimentos. Hoje a gente está com uma crise fiscal, uma reforma de previdência que aterroriza os servidores, de um déficit bilionário, entre vários problemas. O IPTU é 100% consumido por essa crise. A perspectiva não é de bonança para grandes investimentos. Então, tanto o desmonte como o parque, eu vejo com dificuldade de realização.

Então, eu só queria dizer que meu comentário é esse: A ilegalidade pode ser suscitada. Não serei eu a provocá-la. Não acho que a via é legal. Foi aprovado aqui. Então, vamos prosseguir com esse caminho, por um projeto de lei, para recuperar uma alternativa para o Sr. Prefeito decidir, até porque S.Exa. mudou. O Sr. Prefeito que vetou largou a Prefeitura. Portanto, é outro Prefeito agora. O Sr. Bruno Covas vai ter que ter um olhar sobre essa questão. (Palmas)

Tem a palavra o Sr. Jurandir Passos.

**O SR. JURANDIR PASSOS** – Ok. Meu nome é Jurandir Passos. Eu sou morador imprensado entre a arena Parque Allianz e o suposto Parque do Minhocão. Portanto, estou imóvel, imprensado entre os dois, porque, com os dois juntos, a um quilômetro um do outro, ninguém circula mais por ali. Eu vi muitas declarações aqui, de amor à Cidade, mas ninguém fala da Cidade. Só se fala da laje, do Minhocão em si. O Minhocão foi criado para resolver um problema de tráfego entre dois polos da Cidade, Leste e Oeste. Há alguém aqui da Lapa, da Vila Jaguara e de Pirituba? Um, dois, três. De Itaquera, da Penha e de Guaianases? Uma pessoa. Ou seja, a Cidade não está representada aqui e vamos falar sério? Ninguém está falando da Cidade. A gente está falando de um trequinho de três quilômetros, de uma ligação que tem vinte ou mais. Então, ele foi construído para resolver um problema de tráfego, de movimento de pessoas, e pessoas aqui estão dizendo que não conseguem ir a outro parque, que não seja aquele em cima da laje, que deveria ligar a Cidade. Não conseguem ir lá ao Parque do Carmo, não vão ao Villa-Lobos, porque não consegue ninguém passar pela Francisco Matarazzo. Eu desci do ônibus um dia, num domingo à noite, na Marginal. Peguei o

ônibus para ir para casa, que é perto, e demora quinze minutos. Eu demorei duas horas, porque havia um jogo no Palmeiras. Eu fui parar na Marquês de São Vicente, para lá do Pacaembu. Foi lá onde o ônibus me deixou.

Agora imaginem o trânsito fechado na São João, na Marechal Deodoro e na Francisco Matarazzo. Como alguém vai da zona Oeste para zona Leste? Então, o problema do trânsito, que deveria ter sido resolvido, não foi e agora a gente vai fechar essa via de circulação, vai deixar fechada, sem utilidade alguma e sem cumprir a finalidade para qual ela foi criada, e vai deixar todos os problemas que foram criados.

O Sr. Athos falou da necessidade da questão dos transportes, colocando ônibus elétricos. Ou seja, ele insiste num meio de transporte superado, e os ônibus, como os bondes, já foram abandonados na Cidade, sendo que, hoje em dia, nós temos tecnologia para isso, dos VLTs, que inclusive causam valorização dos imóveis, onde eles são implantados, porque eles permitem que as pessoas viagem de um lugar para outro e vão procurar lazer onde querem e não onde o mercado imobiliário quer que elas fiquem.

Para finalizar, eu vou lembrar aqui uma coisa que a Prefeitura investe muito e os senhores estão acostumados. Ninguém falou sobre falou o risco de disseminação de arboviroses na Cidade, com essa laje cheia de água, sangue, calor e abrigo em torno dela. É uma das áreas de maior incidência de dengue, Chikungunya e Zika na cidade de São Paulo. É exatamente a região Central, porque lá estão todas as condições para a procriação desses vetores de doenças e quanto à criação de um parque, um falso parque, um vaso de 45 mil metros quadrados que nós temos que colocar areinha nos vasos que nós temos em casa, eu quero saber quanta areia e quanta água da Cidade que está seca vai ser necessário para irrigar e espantar os mosquitos dessa laje, desse vaso. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra a Sra. Zenaide Lima dos Santos.

**A SRA. ZENAIDE LIMA DOS SANTOS** – Boa noite a todos. Meu nome é Zenaide.

Eu morei na Praça Marechal Deodoro. Aliás, aos 14 anos, fui para lá. Tomei sorvete na sorveteria Wiskey. Morei numa vilinha onde hoje há o metrô. Criei minha filha andando ali na Praça Marechal Deodoro. É uma pena que eu perdi o filme dos anos 70, com a minha filha ali. Realmente eu tive tempos maravilhosos da nossa vida. Hoje eu moro na General Olímpio da Silveira, onde, no meu apartamento, meu marido é síndico do prédio. Nós tentamos ali todos os recursos para parte de baixo, todos que os senhores podem imaginar. Eu e o meu marido andamos de bicicleta todo o tempo. Nós fazemos um trabalho social com todo o pessoal lá em baixo. Trabalhamos com o pessoal na cracolândia, no Atende 3 e no CT-18, onde há um abrigo das famílias.

Eu vou falar para os senhores: É um inferno a nossa vida ali de segunda à sexta. Eu queria muito, muito que o pessoal do parque ficasse uma semana andando. Quando se sai do metrô da Marechal Deodoro, há cheiro de fezes e de urina. O celular do Eduardo eu tenho. Às 6 e 15 da manhã, eu tenho que mandar um *whatsapp* para ele, pedindo, pelo amor de Deus, para que mande alguém, quando há as corridas que saem do Pacaembu e sobem o Minhocão. Eu mostro para os senhores todos os *whatsapp* que eu tenho com esse senhor.

Embaixo, já ligamos várias vezes. O tráfico ali é terrível. Os senhores não têm ideia. Ligamos para a Polícia, a Polícia não aparece. Ligamos para a Prefeitura e a Prefeitura não está nem aí. É muito lindo, gente, é maravilhoso o parque. Sabem onde há vários parques que ninguém se preocupa? Na redondeza do Bom Retiro. Está abandonado um parque ali. Ninguém nunca foi ver. Nós andamos de bicicleta, eu e o meu marido, e nós sabemos qual é o problema dali. Naquela parte da Marechal Deodoro ninguém consegue atravessar. Sabem onde eu moro? Eu quis alugar o meu quarto. Perguntaram para mim qual era a atração do meu bairro. Eu tive vontade de falar: “O metrô da Praça Marechal Deodoro, quando você chega”. Agora eu vou falar uma coisa para os senhores: É uma ideia maravilhosa. Se realmente Deus primeiramente permitir, porque eu sei que muitos aqui não acreditam em Deus e eu acredito, e é Ele que está sobre todos os senhores, nada pode fugir do que Ele é capaz.

Muito obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra a Sra. Elisa.

**A SRA. ELISA** – Eu discordo que totalmente que nós estamos retomando uma discussão, porque quanto aos fóruns que foram propostos pelo São Paulo sem Minhocão, que não é nem MDM, nem parque, nós não tivemos os três fóruns que foram propostos, porque houve uma campanha contra os fóruns dentro da Câmara. Então, não estamos retomando uma discussão. Nós estamos tentando manter uma discussão que foi rompida. O que acontece entre esses grupos é que eles estão tentando manter a discussão, e isso aqui nunca terminar, porque, a partir do momento em que nós discutindo só megaprojetos, numa Cidade falida, sempre estaremos discutindo, discutindo, discutindo. Não vai ter essa solução. O São Paulo sem Minhocão tinha uma proposta: a de gente começar a conversar a respeito de um desmonte gradativo, que existe essa possibilidade. Pode-se, primeiro, fechar as alças, por exemplo. Existem projetos menos opressores, inclusive, para um lado ou para o outro.

O Caio respondeu um monte de dúvidas que eu tinha; que eu gostei que você apresentou, que você falou, porque isso tudo tem que ser falado, ficar gravado na audiência, como o Cláudio Fonseca também falou coisas que complementam. O parque está totalmente envolvido com judicializar essa discussão, e essa discussão tem que sair do “judicializamento” – sei lá se existe essa palavra – para entrar numa discussão de pessoas que utilizam, que são dali.

Eu assisti a três horas da discussão do PIU no Mackenzie, que foi maravilhosa para quem não entende nada de urbanismo, que é o meu caso. O PIU é um projeto para você montar uma opinião que, depois, vai virar uma discussão. Isso ficou muito claro naquele momento. Ali que eu fui entender realmente o que era o PIU, porque o Minhocão está dentro do PIU central. E no Haddad, nós fomos à SP Urbanismo. E, no SP Urbanismo, o que a gente ouvia na gestão Haddad era: “Mas vocês não precisam se preocupar porque é sem ônus para o cidadão”. Eu falei: “Mas nós não precisamos nem discutir se vai ter ônus para o cidadão

porque a gente não vai sair da discussão, nós estamos só discutindo”.

Como cidadã, como moradora dali há 30 anos – 15 anos eu morei para cima, 15 anos para baixo –, posso dizer que aquela área é maravilhosa, tem um monte de coisas extremamente positivas que poderiam ser feitas, conheço várias pessoas que já fizeram coisas, que são artistas, e nós estamos aqui discutindo binariamente. O parque não é viável, o desmonte não precisa ser inteiro. E o terceiro fórum tem que existir.

Muito obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Elisa, depois você me apresente sobre os fóruns, porque eu desconheço.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – A gente está à disposição para receber todo tipo de sugestão de construção do debate. Tá bom.

Tem a palavra a Sra. Maria Ena Navarro, moradora.

**A SRA. MARIA ENA NAVARRO** – Boa noite, eu estou aqui por causa do meu sono, por causa da minha janela.

Final de semana eu estou tendo que sair de casa porque tem eventos no Minhocão. Eu tenho filhos jovens, e eles precisam de algo para fazer, mas tem local adequado, onde você não incomode o próximo.

Domingo retrasado, teve um evento com pessoas andando com aquelas pernas de pau. Perigosíssimo. Eu trabalho de frente para a janela. Eu tenho que sair da sala e ir para o quarto, não posso assistir à televisão. Tem outros moradores do prédio que deixaram o prédio. O prédio está perdendo valor, os imóveis estão perdendo valor, ninguém consegue dormir. O movimento começa meia-noite.

Há duas semanas, teve um evento de 40 pessoas. Começou às duas da manhã e acabou às seis da manhã. É falta de respeito. As pessoas que usam o Minhocão não moram lá. Eu vejo jovens que vão se drogar lá de madrugada, gente que tenta suicídio. Na minha

frente, da minha janela, o cara tentou se jogar. A polícia passa, a Guarda Civil Metropolitana passa, só que, assim que eles vão embora, vem o pessoal. Anteontem, roubaram toda a fiação. Eles se escondem no Minhocão, eles correm para lá, porque tem uma ligação. Então virou um lugar de pessoas que não são moradores, pessoas perigosas. É um lugar perigoso, especialmente para quem anda com criança. Eu vejo que tem jovens que vão lá beber e levam os filhos, que correm para um lado, para outro. E se uma criança cai dali de cima? A desvalorização está sendo tremenda na região; o sossego não existe mais. Peço, pelo amor de Deus, que alguém tome alguma atitude.

Eu encontrei no MDM alguma luz. Que nós precisamos, que a cidade precisa de um pulmão, precisa. A cidade precisa melhorar, precisa ficar mais verde, mais bonita. O Minhocão não é nada que vá agregar. Agora, que aconteceu lá na Marginal Pinheiros, está cheio de árvores lá, cheio de arvoretinhas, de matinho no Minhocão. Eu tenho vídeo de pessoas que vão, levam cadeira de praia, aproveitam o vão que está aberto e fazem fogueira. À noite é lindo, mas estão maltratando a estrutura do prédio. E aí, a hora que cair aquela porcaria? Derreteram todo o cano com aquela fogueira.

Para quem mora lá é insuportável. Eu não quero mudar de lá, eu adoro o meu apartamento. Eu demorei um ano para reformá-lo. E agora? O que eu faço? Para onde eu vou? Para o fundo do quartinho da empregada, que é o único lugar onde tem sossego?

Agradeço. Obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Eu vou ler o nome dos demais inscritos, só para ver se alguém já foi contemplado com outra fala e está disposto a abrir mão.

Faltam os Srs. René, Alex Penalosa (Tatiane), Silvia Penteado Cervellini, Paulo Roberto Zaidan Santos, César Rick, Dênis Marin, Vanda Herrera, Artur Monteiro, Felipe Morozini, Alexandre Moreira, Marjorie Meirelles, Francisco Aires Pedrosa, Maria Aparecida Costa, Bruno Maia, Gabriel Rotei, e o Prof. Valter Caldana, um dos nossos convidados por ser especialista no tema, como arquiteto e urbanista. Inclusive, professor, eu pediria que o senhor

fizesse a sua manifestação agora, porque pode acrescentar no debate em relação à questão técnica. E também peço a apresentação do Inspetor da Guarda Civil Metropolitana, para que traga um ponto de vista da questão da segurança. Acho que isso é importante para qualificar o debate para os próximos que vão falar na sequência.

**(NÃO IDENTIFICADO)** – No final do segundo fórum, nós solicitamos ao Police Neto que fizesse uma análise junto a um instituto – por exemplo, o IPT –, e haveria uma verba para fazê-la, uma análise técnica competente do viaduto, para que pudéssemos partir de algum dado concreto sobre como tratar aquela estrutura. Isso é meio básico, e não foi feito. O Police falou que iria conseguir, que tinha conseguido a verba, mas morreu o assunto. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Muito bom. Importantíssimo.

Tem a palavra o Prof. Valter.

**O SR. VALTER CALDANA** – Boa noite a todos – Vereadores, Yara, pessoas que eu conheço.

Eu me preparei um pouco para vir aqui justamente por conta de nós tentarmos não cair numa falsa discussão se nós estamos retrocedendo ou não. Eu não vou usar o meu tempo – até porque muitos aqui já me ouviram muitas vezes – para indicar por que eu acho que o Minhocão deve ser desmontado, demolido. Em síntese, eu digo sempre que, tudo o que se possa pensar em fazer em cima, se fará melhor embaixo. Isso, para mim, é o resumo. (Palmas)

Agora, o que estamos discutindo aqui é uma questão de andamento, qual seja: há sempre uma força, um agente produtor da Cidade que é esquecido nesta nossa discussão, que é um significativo número de pessoas de municípios que acham que o Minhocão tem que continuar sendo avenida.

Isso sempre fica de lado, porque nós estamos fazendo uma discussão – e as pessoas se esquecem disso – entre todos aqueles que acham, e dão de barato, que não deve mais ter carro no Minhocão, já que assim estabeleceu o Plano Diretor. A fragilidade do Plano Diretor, da Lei de Zoneamento e da própria lei que implantou o Parque Minhocão, nós todos

sabemos qual é. Então, as pessoas se esquecem de discutir que há uma força rodoviária nesta cidade e que, inclusive, elege Prefeito. Ou seja, nós avançamos um pouquinho nessa discussão e voltamos, retrocedemos nessa mesma discussão; as zonas 20 e 30 não foram feitas até hoje na Cidade, e a velocidade das marginais foi aumentada, quando todos nós sabemos que as marginais têm que ser transformadas em avenida, têm que deixar de ser uma via expressa cruzando a Cidade.

Não é só o Minhocão. A tragédia da Baixada do Glicério está aí para qualquer um ver e é o outro lado do Minhocão. Portanto, não estamos retrocedendo em discussão nenhuma. Quanto custa fazer uma boa cidade? Um bom projeto, que se faz podendo ser discutido integralmente e de forma participativa.

O que aconteceu e o projeto do Vereador vem corrigir? Não se pode fazer um bom projeto – que estará dentro do PIU ou dos documentos por nós encaminhados – se uma parte das possibilidades desse projeto já foi eliminada, que é a que indica a possibilidade da demolição, parcial ou integral – ainda não se sabe por que não há projeto, porque ninguém quer discuti-lo, ninguém quer, efetivamente, colocar a mão na massa. Mas, quando se fala em ter um projeto por conta do PIU, aí se veta a possibilidade da demolição. Já começam o projeto induzindo a necessidade de um parque de três quilômetros lá em cima, e resto que se vire.

Mas por que tem que ter esse parque? Porque é o único lugar da Cidade onde se consegue andar três quilômetros sem passar por um farol? Desculpe, mas, para uma Cidade com 12 milhões de habitantes, isso não é argumento. Além do que, insisto, tudo que puder ser feito lá em cima, será mais bem feito lá embaixo, sem a existência do Minhocão.

Eu gostaria, portanto, de deixar como contribuição, fundamentalmente, é que existe uma força outra que não participa deste debate e tem, sim, que ser levada em conta, que são as pessoas que entendem que a via elevada não deve ser retirada como via expressa. Essa é a primeira e fundamental questão.

A segunda questão, que me parece muito importante, é que nós temos que exigir a



elaboração de um projeto. Fizemos sugestões ao Prefeito Haddad, ao Vereador Police e ao Prefeito Doria, e todas diziam que nós temos que ter a qualificação do debate a partir de um projeto amplo. Chegamos a trazer um arquiteto francês, fizemos um simpósio para que ele nos indicasse metodologias usadas lá – chamadas metodologias participativas – para a mesma coisa. Efetivamente, temos que começar a discutir o projeto e sua materialização, o que demanda tempo e organização. E isso não está sendo feito.

Precisamos, também, discutir o programa. O que vai ser feito embaixo e em cima, se é que vai haver em cima. E se não houver em cima, o que será feito embaixo? Por que partem do princípio que vai continuar sendo uma avenida embaixo? Não precisa ser. Por que tem que haver três quilômetros? Do Martinelli até Pirituba, são doze, e é plano, e há, pelo menos, vinte equipamentos culturais funcionando. Talvez seja o maior *boulevard* de equipamentos culturais a céu aberto do mundo, e a gente não usa e não percebe. Então, o meu alerta é esse: Esse projeto é importante, porque ele garanta, seja lá o que aconteça, daqui para frente, qualquer projeto que se faça, leve em consideração ou dê a liberdade do debate projetual pleno. Não dá para começar um debate sobre o futuro daquela região e entorno com o *parti pris*: “Ah, derrubar não pode”. Bom, quer dizer que, se eu quiser fazer um furo, a cada dez metros, para iluminar lá embaixo não pode. Por quê? Porque a lei diz que não pode.

Então, vejam: Ficar insistindo na integridade plena daquela estrutura, que é um problema na Cidade, é um problema ainda maior do que a própria estrutura. Então, esse projeto de lei parece-me ser importantíssimo, no sentido do que já deixou bem claro o Vereador: Ele recupera a possibilidade de que o debate sobre o projeto seja pleno, e vamos fazer o debate do projeto. Eu lamento ter ouvido: “Faz parte do jogo democrático que o Sr. Prefeito vetou. Então, está encerrado”. Não, o jogo democrático não termina na mão do Sr. Prefeito. Muito pelo contrário. Era isso.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Eu queria convidar o Sr. Eliazer

Rodella, Inspetor e Superintendente Comandante do Comando Operacional I Centro da GCM, para contribuir com os problemas que a GCM enfrenta, e dar uma perspectiva, para que a gente prossiga aqui no debate.

**O SR. SR. ELIAZER RODELLA** – Sr. Presidente, nobre Vereador Caio Miranda Carneiro, demais componentes da mesa, senhoras e senhores presentes, boa noite. Vejo que é um debate realmente em que as duas partes têm argumentos. É importante que sempre haja o debate, independentemente de qualquer situação. A Guarda Civil Metropolitana, na cidade de São Paulo, dentre outras atribuições, ela atende à proteção do patrimônio público, dos agentes públicos, do meio ambiente, das escolas e mais, sobretudo, à proteção de pessoas, à vida; e a utilização daquele parque, que passou a ser - não faz tanto tempo, mas enfim, de uma forma gradativa - de interesse da segurança da cidade de São Paulo, e a cidade de São Paulo tem a Guarda Civil Metropolitana, que faz esse papel da segurança dos seus munícipes, e nós passamos a fazer o patrulhamento ali naquele local, inclusive com base comunitária.

O importante que eu quero que todos saibam é o seguinte: Independentemente de haver o viaduto ou não haver o viaduto, a segurança vai prescindir a tudo isso, inclusive a esse debate.

Nobre Vereador, existe uma legislação que fala que inclusive, nesses projetos, a Guarda Civil, a questão da segurança é importante ser consultada. Por quê? Porque só depois que se faz o projeto, é que vai se falar sobre segurança, quando, na verdade, existe todo um projeto de segurança. Quando eu falo de segurança, eu falo de uma maneira um pouco mais genérica. Falaram sobre saídas e falaram sobre a questão de sonorização. Tudo isso faz parte da segurança. Inclusive ouvi aqui falarem sobre a questão de sonorização alta lá. Há uma lei de silêncio urbana na Cidade que é vigente. Quanto a isso, nós vamos atentar, para que pessoas, independentemente do que se resolva, tenham assossegamento, porque isso está na lei. As pessoas podem ter lazer, podem ter cultura, mas as pessoas também têm o direito a descansar e dormir e tem de ser respeitado. A Guarda Civil Metropolitana, nesse sentido,

trabalha 24 horas por dia, 365 dias por ano. Nós não fechamos as portas, então, podem contar com auxílio e a proteção da Guarda Civil Metropolitana. Tem uma viatura lá, se nós tivermos que readequar a nossa segurança lá, nós faremos e traremos mais pessoas que fazem parte da segurança desta Cidade com a questão do silêncio urbano. Se tiver uma situação, nós queremos saber para que nós possamos agir.

Dessa maneira, garantir independentemente do que se resolva nesse projeto - e é importante que a Guarda faça parte dessa discussão também, gostaria de dizer que a segurança tem que fazer parte e contribuir para que lá no fim a gente possa ter uma Cidade melhor, afinal de contas, independentemente da discussão, é exatamente o que queremos. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** - Prosseguindo com a nossa lista de inscritos, próximo é o Sr. René Alexis Penaloza Munoz, que talvez esteja representado pela Tatiana.

**A SRA. TATIANA** - Boa noite a todos, meu nome é Tatiana e eu sou moradora exatamente de frente do Minhocão. Nós somos vizinhos no mesmo prédio que o arquiteto Felipe foi falar e a gente vê que o movimento pelo parque, o desmonte do Minhocão e a São Paulo sem Minhocão, realmente, todos querem, como o Professor Caudana falou, um projeto que já pressupõe que não vão passar carros.

Então, apesar das nossas diferenças, é importante dizer que a gente tem esta ideia comum de que aquilo realmente não seja uma via expressa e é mais importante nesse momento termos a visão de que a gente tem esse inimigo em comum que são as pessoas que querem manter os carros passando lá. Apesar de todas as polarizações que a gente pode está tendo aqui - eu acho que o momento até que o País vive não é momento para polarização. Temos discussões e isso é normal.

Um colega até insinuando ali na plateia - foi até embora, é uma pena - que tem peças teatrais em cima do Minhocão que nós estaríamos recebendo dinheiro por ser a favor

que não seja feito o parque ali. Isso não procede. Tenho uma visão totalmente diferente do meu vizinho.

Quando eu adquirir o apartamento até pensei que seria interessante um parque, mas depois fui me inteirando e conversando com outras vizinhas, como a Dona Maria, e a gente vê o que é a situação. Uma coisa é você dizer que é usuário do parque ou do viaduto, outra é você ser morador e outra é você ser morador da frente, ou seja, você abrir sua janela e você ver uma laje ou como acontece, por exemplo, com a Dona Maria que está no terceiro andar e as pessoas ficam fotografando a sua casa. Você se sente um animal em um aquário. Queria saber se alguém aqui que não passa por isso consegue ter empatia de saber o que é isso. Temos janelas que não podem ser abertas. A gente é obrigada a ficar com a janela fechada porque senão a gente não aguenta o ruído. São poucas pessoas que tem o dinheiro necessário para colocar uma janela antirruídos. Por favor, faça um levantamento do quanto custa uma janela antirruídos. Isso é caríssimo e isso é saúde.

O Athos Comolatti mencionou a questão da poluição com Dr. Paulo Saldiva. Eu também troquei *e-mails* junto com o Jurandir com o Paulo Saldiva. Tem estudos que mostram a poluição que é maior do que lá e falaram que outros corredores de ônibus, só porque não é o ônibus elétrico, tem uma poluição maior. Outros corredores de ônibus não são tão poluídos por causa do tampão que mantém a poluição ali porque senão a gente teria poluição igual a corredores como Rebouças, Santo Amaro, e a gente tem mais porque tem o tampão segurando a poluição.

Falaram em saúde. Alguém sabe o que é isto? É uma bombinha de asma. Pois é, doença eu tenho hoje por causa do tampão. A Anabela comentou que vai ter doença. Não, doença eu tenho hoje porque eu respiro poluição e a minha janela só pode ficar fechada senão o meu apartamento fica cheio de fuligem. São 120 reais e este é um dos remédios que eu uso para asma. Os postos de saúde estão gastando com internação para as crianças fazerem inalação.

Outra coisa, lugar de parque é no chão. O colega me pediu para ver se a Mesa poderia protocolar que a Câmara Municipal de São Paulo oficiasse a Covisa para ser feito o estudo epidemiológico por causa da questão da dengue, que realmente é um caso grave.

Eu vou pedir licença para eu estender só um pouquinho o meu tempo, porque teve outras pessoas com falas contra o Minhocão que foram de um minuto, então peço licença aos presentes.

A gente sabe que essa colocação de um parque vai ter um custo maior do que um parque no chão. Lugar de parque é no chão. Desejo de parque, eu também tenho. Sou militante pelo Parque Augusta. As nossas crianças precisam de parque, mas um parque de verdade é um parque no chão, porque árvore tem raiz. Ah, mas no teto da Prefeitura tem árvores. São arvoretas baixas e o custo de manutenção de uma árvore nessas condições é um custo altíssimo. É necessário irrigação, em uma cidade e num Estado que enfrentam crise hídrica. E isso daí tem um custo muito alto. Se colocar na ponta do lápis o custo da manutenção de uma laje com jardim vertical, com substrato especial, que precisa para ter arvoretas, e multiplica isso por 40 anos, sei lá quantos anos for durar o parque, 50, 100 anos, para a perpetuidade, é muito mais caro do que fazer um desmonte, mesmo que a gente saiba que não vai ser tão barato o quanto o pessoal do desmonte propõe, mas aquilo é somente um exemplo. A gente sabe que toda obra pública de verdade é obrigada fazer tomada de preços, licitação, foi um exemplo de um preço, um orçamento de 2016. Com certeza serão feitos outros. A gente pode realmente vender parte do material, mas parte do material será gasto.

Para concluir, árvore é no chão. Parque é no chão. A colega falou que anda de *bike*, eu também vou todos os dias trabalhar de bicicleta. A gente precisa de uma ciclovia que não tenha cheiro de urina, fezes, que não caia água. (Palmas) Tudo que se pode fazer lá em cima, você pode fazer no chão, um lazer – como o Prof. Caudana falou – a gente pode ter nos moldes, por exemplo, de avenidas como a Sumaré, a Brás Leme. Não deixar todas as pistas, você pode reduzir uma pista de carro, manter ali algumas pistas e aumentar o corredor central

que sem as pilastras e com o corredor, você tem lazer para a população. Tudo que você faz em cima de passeio, de bicicleta. Ah, mas é interrompido com farol. Meu amigo se seu lazer de andar três quilômetros sem parar de pedalar é mais importante do que a saúde, do que a pessoa não se sentir um animal sendo filmado, do que não conseguir descansar para trabalhar no dia seguinte, está faltando muita empatia.

A gente deveria, em vez de ficar vendo essas picuinhas pequenas diferenças, primeiro se unir contra quem quer que aquilo continue sendo uma avenida. E outra pensar, por que esse parque, que todos têm esse desejo, não pode ser um parque no chão? Por que ele tem de ser um parque em cima de uma laje condenada? A gente precisa de parque de verdade. Não de uma esmola de um lazer no asfalto, um asfalto poluído, um asfalto sujo. A gente merece um parque que a longo prazo custe menos para ter verba para a saúde, para ter luva e remédio para a saúde.

---

Obrigada! (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra a Sra. Silva Penteado Cervellini.

**A SRA. SILVIA PENTEADO CERVELLINI** – Sou moradora do Centro há muitos anos, mais de 20 anos, não vou falar em nome dos meus interesses e dos meus hábitos apesar de ser uma usuária do Parque Minhocão, mas não sou uma usuária regular. Vou falar em termos de uma visão de cidade, de centro, que acredito que seja compartilhada por muitos paulistanos de um Centro revitalizado, de um Centro ocupado, espaços públicos compartilhados com pessoas que não são do Centro, inclusive. E eu acredito que o Parque Minhocão está nessa linha, assim como o Parque Augusta, assim como a Praça Roosevelt, assim como a Paulista aberta.

Eu vejo, acho que não é por má fé, quero crer que não é por má-fé, esse argumento de que tudo que pode ser feito em cima, pode ser feito embaixo, é no mínimo ingênuo. Porque Parque Minhocão existe hoje. O parque embaixo, Boulevard, quem sabe? Eu

sou bem cética, até porque em todas as falas, com exceção da nossa colega aqui, que falaram que são a favor do desmonte, todos falaram que podem ir ao Parque da Água Branca, ao Parque Villa Lobos, ao Parque Ibirapuera. Eu também posso. Posso pegar táxi, Uber, carro e ir ao Villa Lobos com minhas filhas andar de bicicleta a qualquer hora. Eu posso ir ao Ibirapuera.

- Manifestações no recinto.

**A SRA. SILVIA PENTEADO CERVELLINI** – Eu consigo porque eu tenho dinheiro. Agora, quero ver se essas pessoas que estão falando pelo desmonte e que estão trabalhando de uma maneira ingênua talvez – quero crer – de um possível bulevar maravilhoso embaixo, quero ver essas pessoas brigarem por esse bulevar, porque não me parece o perfil de pessoa que vá brigar por um espaço público embaixo do Minhocão. Não me parece o perfil. Eu acho que vai desmobilizar, e não vamos ter nada de parque e espaço público nesse trecho de alguns quilômetros, e, para mim, isso é uma perda para a Cidade, e não só para os moradores do Centro.

Agora, entendo que os moradores tenham problemas, e respeito, mas acredito que com os talentos e habilidades e a vontade de um grupo sério esses problemas podem ser lidados. Inclusive se fosse perguntado aos moradores da Paulista se querem ou não a continuidade da Paulista aberta, vocês acham que eles iriam dizer o quê?

- Manifestações no recinto.

**A SRA. SILVIA PENTEADO CERVELLINI** – Tem muito morador lá que odiou a Paulista aberta. Eu só quero lembrar que existe um projeto de Cidade, uma visão de ocupação do espaço público, e eu falo em nome disso. Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Muito bom, Silvia. Parabéns pela fala. Acho que uma audiência pública tem que ter realmente todas as visões respeitadas e ouvidas. Tem a palavra Paulo Roberto Zaidan Santos.

**O SR. PAULO ROBERTO ZAIDAN SANTOS** – Boa noite. Quero trazer minha contribuição, pois vim e ainda não tinha opinião formada, tanto em relação ao desmonte como

a favor de um parque. Vim para tentar construir esse conhecimento e espero trazer algumas contribuições do que acabei ouvindo, de forma a criticar para que possamos chegar a um senso comum.

Um dos argumentos fortes que ouvi aqui foi a questão da violência urbana e a violência no Centro. Imagino que provavelmente essas pessoas não andem pelo resto do Centro de São Paulo e possa ver o resto da Cracolândia, que foi espalhada pelo resto da Cidade. Isso não é um problema intrínseco ao Parque Minhocão. Se a gente quer chegar a uma Cidade segura, temos que entender o que leva a essa desigualdade naquela região. A gente vai desmontar o parque, e o que vai acontecer com essas pessoas? A gente vai dar atendimento nos CTAs da vida? Eu espero que seja um projeto que englobe tudo isso.

Outra questão. Imposto predial, investimento, valor patrimonial: tudo isso é de retorno para o Município. A gente está falando da desocupação, que é de uma região de abandono, mas há muitos prédios que não cumprem a função social e que deixaram aqueles espaços para serem especulados na Cidade. Durante quatro anos, o Prefeito Haddad foi para cobrar o imposto no quinto ano, que era o IPTU progressivo. No quinto ano, a atual gestão, do PSDB, interrompeu com isso. A gente vai retomar o caráter político de cobrar imposto?

Outras questões em que eu gostaria de entrar. A pesquisa do Datafolha de 2017, ano passado, levantou que 53% da população são a favor de manter uma via com carros. Isso é mais grave ainda, conforme foi dito pelo professor. Se, então, já tratamos que não vamos manter carros, a segunda opção mais votada pela população, com 23%, foi a favor da construção de um parque. Apenas 7% foram a favor da demolição. Então, se queremos entender a Cidade como um todo, temos de entender o paulistano como um todo, que vota a favor disso – e não só os moradores em volta, que devem ser, sim, levados em consideração, em peso, na tomada de decisão.

Outra questão que foi levantada: gentrificação e exclusão social. Tanto em Nova Iorque, em que levantaram o High Line, como em Seul, em que demoliram, houve a questão da



gentrificação. Isso não é um problema do parque, estando lá ou não. Vivendo neste sistema, isso nos está intrínseco. A Paulista sofreu esse processo de exclusão social e ter imóvel caro lá. Isso não tem a ver com o parque ou não. Revitalizando uma área embaixo e criando um parque, essa gentrificação também vai ocorrer. Quem vai ter acesso a um parque de 3km não é o morador que é pobre e trabalha ali, no Centro. É quem tem dinheiro.

Gostaria, também, de ter outras propostas, porque, aí, sim, eu entro em uma crítica à apresentação do MDM, que achei bem fraca por algumas questões – primeiramente, por se definir como um momento apolítico. Eu entendo que vocês sejam partidários. Não têm nenhum partido. Mas, apolíticos, sendo que vocês só mostraram fotos do desmonte, e não de um projeto que poderia ser feito ali? Isso para mim não é um caráter apolítico, até porque a comissão que se forma para avaliar se o parque vai ser demolido ou não é uma comissão formada por Vereadores do PSB, do PSDB e dos Democratas. Eu não entendo como isso seja apolítico.

Por último, para finalizar – só vou finalizar, porque a colega falou por seis minutos – foi apontado um projeto em que falta a questão urbanística. Isso poderia ser resolvido com um parque ou não.

Outra questão é o Cosmopolitan Santa Cecília, que é um prédio que já foi inaugurado, agora, ali, na região do Parque Minhocão. É uma obra horrível, mas conta com um estacionamento gigante embaixo do prédio. Quem passa lá vê. É de uns três andares, inteirinho branco. Eu gostaria de saber quais são as propostas. Caso o parque venha a ceder, o que fazemos com esses prédios que estão sendo construídos, já pensados de modo a considerar um parque que vai haver ali? Isso também vai ser de retorno à Cidade.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PAULO ROBERTO ZAIDAN SANTOS** – Eu concordo. Agora, vai-se cobrar das empreiteiras impacto ambiental? A senhora que trabalha no Ibama pode dizer como isso vai ser mais difícil. Novamente, eu não vim aqui tratar que eu sou a favor ou não do projeto,

para ele ser derrubado ou não, mas ser um propósito. Eu quero ver alguém cobrar de um empreiteiro, dono de um imóvel, lá, do prédio que acabou de ser construído, o que ele vai fazer com a garagem dele. A marquise também foi proposta depois da demolição do parque. Qual é o custo dessa marquise? É uma marquise de quilômetros. São propostas a serem pensadas – e que eu gostaria que fossem.

Só para constar, quando foi decidido que a via fosse demolida, foram necessárias 1.900 reuniões. Eu não espero que isso seja, também, reduzido aqui. Eu acho que temos de democratizar esse debate. Como disseram, a Paulista foi, sim, muito criticada, na época, pelos moradores e hospitais que há em volta, porque não deveria fechar. Hoje, se você for à Paulista em um domingo, ela é inteirinha lotada e trouxe ganho até para os próprios comerciantes.

É só isso. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Obrigado, Sr. Paulo.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Nós vamos seguir, porque, senão, vai ficar muito tarde e quem se inscreveu não vai ter direito à fala, mas vocês podem ter certeza de que, da nossa parte, aqui, não há nenhuma pressa em tramitar esse projeto sem exaurir as questões técnicas.

Quanto à questão viária, vocês podem ter certeza de que vamos fazer mais uma audiência, só para debater a questão do trânsito.

Estamos preparando uma apresentação 3D para mostrar o argumento do número de faixas de uma ponta para outra, porque tem que desenhar para a pessoa entender. O argumento carrocrata é forte e, se você não convencer com técnica, todo o debate está prejudicado. Então, esse é o primeiro de vários debates, com certeza.

Tem a palavra o Sr. Cesar.

**O SR. CESAR** – Boa noite a todos. Sou morador de frente ao Minhocão e gostaria de fazer uma pergunta: Quem conhece o parque elevado de Nova York, o High Line? Esse

parque, além de ser lindo, valorizou mais os imóveis da região, tem um regulamento que funciona todos os dias, das 7h às 19h; no verão, até às 23h. Não se anda de bicicleta, nem de skate, nem de patins, não anda cachorro, não se fuma, não há aglomeração de pessoas. E será que vocês conseguirão fazer isso no Parque Minhocão, com a nossa educação?

Embaixo desse parque existe todo um planejamento urbanístico. Não existem moradores de rua embaixo, não existem degradações. É tudo valorizado. E custou R\$ 180 milhões, a um custo de R\$ 3 milhões por ano para fazer a conservação.

A Prefeitura de São Paulo tem esse dinheiro? O Parque Minhocão vai sustentar?

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o Sr. Denis Marum.

**O SR. DENIS MARUM** – Boa noite. Sou Engenheiro. Parabéns, Vereador Caio, um exemplo para esta Casa. Professor, que bom que o senhor veio para elucidar as pessoas.

O pessoal que quer um parque, por favor, vocês merecem algo muito melhor. Fico indignado com isso: transformar um viaduto num parque. Isso ofende os Arquitetos, os Engenheiros, e vocês terão sempre alguma coisa adaptada, um negócio ruim, que não foi projetado para isso. Comparo a um sujeito que compra um Monza e o transforma em Mercedes. Não quero ser irônico, mas acho que vocês merecem muito mais do que um parque.

Vereador Caio, na próxima audiência, traga o Presidente da CET, por favor. Porque, se não resolver o problema viário, não haverá parque nem demolição, nada. São 450.000 passando por cima do Minhocão. Não são carros, são pessoas dentro dos carros, levando crianças para a escola, ambulância, gente indo trabalhar, que não consegue pegar o Minhocão. Está errado. Tem que abrir esse Minhocão.

A minha sugestão é essa: coloque CET na parada. Estamos colocando a carroça na frente dos burros. Fazemos um projeto bem planejado, com a ajuda do Professor, que já mostrou um projeto excelente, e não teremos mais argumentos. Vamos demolir aquilo e fazer

alguma coisa bonita para a Cidade.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Registro a presença da nobre Vereadora Janaína Lima e convido-a para compor a Mesa.

A Sra. Wanda Herrera, Presidente do Conseg Mooca, enviou um documento para ser lido, pois não pôde comparecer.

**(NÃO IDENTIFICADO)** – Boa noite a todos. A Sra. Wanda é Presidente do Conseg da Mooca, Brás e Belenzinho. Ela pediu desculpas por não poder vir, aconteceu um imprevisto e ela mandou um documento que me entregaram.

Eu vou ler, com a permissão do Vereador Caio Miranda:

“Conselho Comunitário de Segurança (Brás/Mooca/Belenzinho), 8º Distrito Policial, 3ª Cia do 45º Batalhão de Polícia Militar Metropolitana.

Exposição de motivos. A reunião de 3 de dezembro de 2018 endereçada à audiência pública, referente ao PL 98/2018, do Vereador Caio Miranda, com o objetivo de oferecer propostas e promover amplo debate para o desmonte do Minhocão, Elevado Presidente João Goulart.

Do mérito: essa via elevada está construída em quatro distritos do Município de São Paulo: Consolação, Santa Cecília, Perdizes e Barra Funda. Defendemos a efetiva desativação e o desmonte completo dessa estrutura para revitalização da região degradada, que provocou acentuada desvalorização imobiliária. Uma obra recusada desde a década de 1960.

Na administração de Paulo Maluf foi construída uma obra que passa entre prédios da Avenida São João, com cerca de 3 km. A degradação acontece separando bairros ricos e bem urbanizados, como Higienópolis, com os espaços centrais como Campos Elíseos, Barra Funda. A urbanista Laura Sobral fala que: ‘São Paulo é uma imensa periferia sem infraestrutura formal, verdadeiras ilhas de prosperidade em alguns bairros centrais e o centro, que é uma mistura de submundo. Quando se fala em degradação parece que há uma certa nostalgia de

que o centro foi e que não ajuda a pensar o espaço hoje em dia.’

São unânimes os urbanistas ouvidos e falaram sobre as contradições causadas pelo elevado. O centro da cidade de São Paulo necessita de investimentos e melhorias, exemplo: habitação, assistência social, saúde e reurbanização. E o Poder Público tem de começar a agir efetivamente em planejamento com ótimo plano em políticas públicas. O desenho urbano está manchado com esse absurdo de construção do Minhocão: porque a maldade que o Minhocão representa para milhares de pessoas que moravam e moram nos prédios ao longo das avenidas por onde passa, isso não tem tamanho.’ É uma citação do jornalista Marcelo Rubens Paiva.

O Elevado João Goulart causa impacto na qualidade de vida dos moradores da região, barulho de automóvel tanto das vias de cima como embaixo. Uma moradora afirma que a sensação é comer fumaça com colher, pó preto e, nos fins de semana, quando está fechado abre para pedestres, aí é um inferno. As pessoas ficam olhando para dentro, curiosas, outras falam que se sentem como animais em jaulas de zoológico e são observadas e fotografadas. O Elevado João Goulart permite a invasão da privacidade de milhares de moradores dos prédios.

Não ao Elevado João Goulart, por seu Impacto negativo na paisagem. É um descrédito que vem sendo polarizado em todo o mundo pelo uso dos espaços como parque. Um ponto importante também: não há segurança no local.

O Minhocão gerou 80 desapropriações, feito com 32 mil toneladas de cimento, 1.900 toneladas de aço, materiais que poderiam serem construídas casas populares ou beneficiar em obras na cidade. Os malefícios do Minhocão superam os benefícios e sua eficácia é contestada.

No Plano Diretor Estratégico de 2014, o artigo 375 prevê uma lei específica para a desertificação progressiva para carros. Sobre o parque, a estrutura não foi projetada para área verde, cultura e lazer com pedestres pela insegurança, barulho e desrespeito aos moradores. Conclusão: como presidente do Conseg do Brás e da Mooca, votamos pela aprovação do PL

98/18, Vereador Caio Miranda, como também respeitamos as opiniões dos urbanistas, arquitetos e demais. O projeto foi idealizado por outro Vereador, na época de 60.

- Tumulto.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o Sr. Artur Monteiro.

**O SR. ARTUR MONTEIRO** – Boa noite a todos.

Meu nome é Artur.

Na realidade, eu queria falar sobre duas coisas. Uma é sobre democracia. Falaram muito, aqui, que o processo foi democrático. O que é democracia? Democracia é quando você escuta todas as pessoas em um processo: brancos, negros, pessoas de diferentes classes sociais, todos os portadores de deficiência. Ou seja, se escuta um conjunto. Isso é democracia. A democracia acontece quando o processo, na Câmara de Vereadores, escuta toda a população, porque a Câmara é a Casa do Povo. Então, se cria o projeto do Parque Minhocão. Eu vou voltar, um pouco, ao Plano Diretor.

O Plano Diretor não debateu a questão do Parque Minhocão, em nenhuma audiência. Se vocês baixarem lá “minuta do Plano Diretor”, vocês verão que não foi debatida a questão do Minhocão. Antes de tudo, deveríamos ter debatido a questão. Ele veio por meio de emenda parlamentar, desta Casa, que colocou a criação do Parque Minhocão.

Outra questão. Todo o processo da CCJ, que foi falado aqui, sobre a criação do Parque, é inconstitucional, segundo a Lei Orgânica Municipal. A Lei Orgânica deixa muito bem claro que não é função dos Vereadores criar programa de governos, porque isso afeta diretamente a Lei Orçamentária, a LDO e a LOA. Isso quer dizer o quê? Quando chegamos no mês de agosto, todos os Vereadores sabem que estão votando a Lei Orçamentária do ano que vem. Então, quando você cria projeto de governo, você fere a competência dos governos, porque influi diretamente na criação de um programa de governo e, principalmente, na manutenção desse sistema. Então, ele é inconstitucional. E o próprio parecer da CCJ foi pela

inconstitucionalidade. Então, ele não tinha condições de prosseguimento nas outras comissões aqui dentro. E o que vimos? Que o processo prosseguiu sem passar em nenhuma comissão. E o que fizemos aqui? Pedimos, então, que se criasse uma força parlamentar. E, nessa frente parlamentar, pedimos o quê? Que o processo fosse debatido aqui dentro. E o que aconteceu? Foram propostas três audiências. E o que aconteceu na terceira? Foi suspensa. Por quê? Porque não dava fundamento da criação do Parque. O Parque não se sustentava, na primeira e na segunda. E suspenderam tudo. E como é que foi a aprovação do Parque? Através de emenda, no final do ano, sem passar em nenhuma comissão. Ou seja, se passasse por qualquer comissão iria dar o quê? Iria dar negativo. Por exemplo, Secretaria do Verde. Você tem condições de criar um parque?

Você tem condições, no orçamento, de fazer a manutenção? Não tem. E a mesma coisa das finanças, você tem que falar de onde vai vir os orçamentos para a manutenção. Então, quero deixar bem claro que o processo não foi participativo. Por conta disso, estamos pedindo a continuação do processo, porque foi nos tirado o direito de debater a questão do desmonte.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Obrigado, Artur. Eu sei que três minutos é pouco, mas peço que tentem se atentar a esse limite, senão passaremos do horário. Sr. Felipe Morozini.

**O SR. FELIPE MOROZINI** – Boa noite. Eu sou Felipe, morador há 20 anos da frente do Minhocão, e como muitos de vocês, também não posso abrir a minha janela. Em comum temos a palavra inferno e tristeza, que todo mundo aqui falou, que inferno morar ali, que tristeza morar ali. Somos guiados por uma infelicidade.

Para mim, quando teve a possibilidade da criação de um parque, logo imaginei que o inferno acabaria no momento em que acabassem os carros. Muitas pessoas falaram que temos muitos parques, mas nenhum parque, pelo menos o da Água Branca fecha às 18 horas,

Praça Buenos Aires fecha às 20 horas, a região em si não tem opção. Têm muitos parques na Cidade? Têm muitos parques na Cidade, nenhum tem metrô, citaram Vila Lobos, Ibirapuera, quem precisa ir ali não tem como ir nesse parque.

Eu sou a favor da criação desse parque, porque entendo que esse inferno poderia virar outra coisa, onde não tem um Minhocão na Avenida São João, não tem um *boulevard*, então, não há interesse nem público e nem privado de já se criar um *boulevard* na Avenida São João. Não se tem a intenção de plantar árvores na lateral do Minhocão para diminuir a poluição e o barulho. Então, eu vejo uma discussão e acho ótimo que hoje estejamos aqui. O Sr. Caio abriu de novo essa discussão e pelo panfleto que ele distribuiu ficou parecendo que ele era a favor do parque, porque ele tirou uma foto sorrindo em cima do parque com uma obra que não foi autorizada, inclusive, artista não quer mais que o senhor veicule essa imagem. Mas, o fato é que está tendo...

---

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. FELIPE MOROSINI** – Espera, é só um segundinho, eu só tenho mais um minuto. Então, é muito sério, quando a gente fala da nossa cidade, a gente não pode estar olhando do nosso umbigo ou do nosso apartamento. É muito estranho quando eu ouço: “o meu apartamento é na frente do Minhocão e não tenho privacidade”. Existem meios de garantir a privacidade das pessoas...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. FELIPE MOROSINI** – Não, minha querida... Não, não. Opções políticas.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Deixa ele terminar e concluir a fala, vamos respeitar.

**O SR. FELIPE MOROSINI** – Entendi.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. FELIPE MOROSINI** – Não, não importa, da cobertura, meu amor. Eu moro na frente e o barulho é igual e a poluição é igual. Que bom que herdei da minha avó, que



morreu infeliz com aquele Minhocão. Então, eu vou terminar porque não estou sendo respeitado.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. FELIPE MOROSINI** – Não, não, está tudo bem. Acho que as pessoas entenderam que o inferno é aqui.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Vou passar a palavra para a minha colega Janaína Lima, do Partido Novo.

**A SRA. JANAÍNA LIMA** – Primeiro quero cumprimentar a iniciativa do nobre Vereador Caio Miranda, vereador jovem e atuante, que assumiu com firmeza essa pauta, está trazendo dados técnicos relevantes, está construindo esse debate num alto nível aqui na Casa; e agradecer a presença e o apoio do Claudio Fonseca e venho fazer coro a isso; agradecer a presença da Yara Goes, do Valter, da Ana e de todos vocês, cidadãos que estão hoje acompanhando.

Primeiro, acho que é importante. Eu vou colocar a minha posição. Eu sou totalmente favorável ao projeto. Eu acho que é importante a gente respeitar, principalmente quando a gente está falando de uma Cidade. A gente não tem como trazer o senso de Cidade se a gente não respeita os moradores do bairro. Então, quando a gente começa por respeito, é respeitar também a opinião da maioria das pessoas daquele bairro, e aquele bairro nunca aceitou, nunca se sentiu feliz e nunca se sentiu privilegiado por ter aquele Minhocão. Afinal de contas, as pessoas hoje são prisioneiras dentro da sua casa, e as pessoas que circulam pelo Minhocão são livres por elas. Então, quer dizer, há uma inversão aí.

Então, eu me coloco aqui favorável ao projeto, coloco-me à disposição do Vereador Caio Miranda Carneiro em tudo que S.Exa. entender que o meu mandato pode contribuir, e eu acho que a gente precisa posicionar exatamente o debate técnico. Comparar com São Paulo com Nova York é um desafio que nós, Vereadores... Aqui há três Vereadores comprometidos

com a Cidade, e a gente está buscando fazer de São Paulo uma Cidade mais arrojada e mais inovadora, mas isso não é a realidade de hoje. Então, olham a estrutura. Quem vai lá conhece o projeto de Nova York. A estrutura é completamente diferente do desenhado dentro desse Minhocão. Ao ver aquele monte de poluição, quem vai embaixo do Minhocão fica assustado, com o nível de poluição. Então começam a perceber a qualidade do ar das crianças que moram ali na região. Então, a gente está falando, para começar, de qualidade de vida, e também é muito bom a gente falar: “Não vamos abrir parques”. A gente é superfavorável. Agora só têm que dizer de onde vai sair o recurso, porque a grande maioria dos parques hoje públicos é um dos grandes gargalos do orçamento público, que está estrangulado. Não há recurso para se estar fazendo a zeladoria. A nossa Cidade, muitas vezes, não está conseguindo cumprir todas as atividades essenciais à vida do cidadão por falta de orçamento público. Então, eu acho que vale uma reflexão, e a gente, de fato, pode elencar quais são as prioridades. Eu acho que a prioridade é garantir o bem estar dos moradores ali da região e sim pensar políticas que possam transformar o centro mais aberto e mais acolhedor. Afinal de contas, ali é uma região histórica, que sim tem que receber todos os paulistanos, mas, sobretudo, respeitar a opinião dos moradores do bairro. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra a Sra. Marjore Meireles, da Ação Local Amaral Gurgel.

**A SRA. MARJORE MEIRELES** – Boa noite a todos, inclusive a mesa. Eu estou muito grata, porque podemos respirar, numa esperança de realmente a gente se importar com o indivíduo. Eu acho muito gostoso o teatro e eu acho muito gostoso o parque. Verde é maravilhoso. Eu moro no centro, na Amaral Gurgel, frente ao elevador, e vou dizer aos senhores que, nos meus dias, eu trabalho com imprensa, mídia. Então, eu tenho o dia superagitado, demais, demais, demais. Quando eu chego a minha casa, pelo menos, nos finais de semana, eu gostaria de ter um descanso. Eu respeito que queiram fazer o parque, mas num lugar adequado; teatro, num local adequado.

Eu vou deixar para os senhores aqui o que acontece, todos os finais de semana, e ouçam esse barulho todos os finais de semana na frente da sua janela, no 14º andar.

- Reprodução de som da rua.

- som de barulhos na rua.

**A SRA. MARJORE MEIRELES** – Eu não estudo, eu não consigo trabalhar e eu não consigo dormir. Então, isso reflete numa série de problemas de doenças. Aqueles que querem o parque respeitem aqueles que precisam dormir e trabalham como os senhores. O parque vai trazer silêncio, porque o elevador ecoa como uma caixa de som. Esse barulho está dentro da minha sala. Eu não consigo fazer nada.

- Som de barulhos na rua.

**A SRA. MARJORE MEIRELES** – E garrafas de refrigerante são jogadas lá para baixo. A sorte é que, no domingo, na Amaral Gurgel, não há muito movimento, e não pegou nenhum carro ainda. Pessoas sentam no muro. Eu já liguei várias vezes, quando pessoas queriam pular do elevador. Eu atormento a Polícia, porque eu falo: “Não aguento mais”. Chegou certa vez que eu falei para uma pessoa, às três horas da manhã: “Por favor, pule, deixe a gente dormir”, porque, na madrugada, a gente tem limpeza da Prefeitura limpando o elevador ou então fazer algum conserto. A gente já não dorme. Agora todas as noites, há skatistas e pessoas que passam com caixa de som e chegando, no final de semana, há esse barulho? Eu desejo a V.Exas., que aprovarem o parque, esse barulho todos os dias. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o Sr. Francisco Ayres Pedrosa.

**O SR. FRANCISCO AYRES PEDROSA** – Boa noite. Deixei um cartãozinho com os senhores, onde está escrito algumas coisas: Aonde vais, irmãos meus? Fortalecei-vos no Senhor e na força do Seu poder, revestida de toda armadura de Deus, para que possais ficar firme. Assusta esse lado do diabo, pois não temos que lutar contra a carne, contra o sangue, mas contra os tristes males, contra o príncipe das trevas deste século. Portanto, tomai toda a

armadura de Deus, para que possais estar firme, fazendo assim tudo ficar firme. Então, tudo o que está acontecendo aqui hoje ou que acontece no mundo, Deus tem a solução. Em nome de Jesus Cristo, nós estamos aqui para testemunho disso, e vai sensibilizar aos senhores, que escutam, que falam que têm dificuldade, mas quem tem dificuldade é quem mora na zona Leste, no fim, onde são vistas coisas difíceis de se acreditar, mas passamos por cima. Agora não é possível a pessoa ficar com barulho como esse a noite inteira, tendo que descansar para o dia seguinte. Então, temos uma solução. A solução é Deus conosco, e Ele está conosco. É só dar uma pequena demonstração disso. Eu estou aqui desde 1977, quando o médico olhou para mim para falou: “Você está vivo? Você fala?” Isso aconteceu no Hospital Heliópolis e aconteceu agora. Eu tenho a tomografia para mostrar para quem entende. Há o milagre que Deus pode fazer na vida das pessoas. Eu espero que os senhores viviam muitos e muitos anos para conhecer o verdadeiro milagre, que Deus vai continuar fazendo na vida das pessoas. Tenham certeza de Deus tem a solução para as nossas dificuldades.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra a Sra. Maria Aparecida Costa.

**A SRA. MARIA APARECIDA COSTA** – Boa noite. Meu nome é Cida e sou síndica do meu prédio. Deixe-me dizer uma coisa. O viaduto tem que ser extinto, pelo seguinte: O Sr. Prefeito não cuida de praça no chão. Como é que S.Exa. vai cuidar em cima do cimento? Eu tenho uma caixa d’água. Estou aqui junto com a subsíndica. Eu tenho a caixa d’água de reuso para lavar o prédio, para não gastar água, e há um poço embaixo do prédio. A nascente é na Praça Marechal Deodoro, só que um Prefeito passou lá e concretou a praça. Ela jogava água direto no poço lá em baixo. Eu não uso o poço, mas servia para as plantas. Agora só joga água quando chove, ela começa a jogar água. Vem da praça, outra desce da São João, lá de cima, outra vem de outro lado e eu acompanho isso. O engenheiro que me orienta, quando eu faço serviço no prédio, diz: “Essa fonte aqui é da Marechal”. Secaram praticamente a praça. Eu

carrego água no balde para molhar as plantas na praça, que eu plantei junto com um senhor que tem um poço ao lado. Se ele não cuida da praça, ele quer praça? É simples? É só revitalizar a Praça Marechal, que é muito grande e que está concretada. A praça é penico de domingo. É penico mesmo de domingo e a semana toda.

Então, chegam ao ponto de quebrar a praça, pôr a árvore para se esconder atrás e usar. Outra coisa: gastaram todo o nosso dinheiro para fazer aquele via para bicicleta. Andam na calçada, toda bicicleta ali. Nenhuma anda embaixo do Minhocão. De vez em quando, há uma, quando está chovendo, só que, no Minhocão, chove mais do que na rua.

Uma senhora falou sobre a dengue. Em cada panela em cima do Minhocão chove. Num domingo, estava com o engenheiro. Ele estava descendo, e coloquei o dedo dentro daquela panela de água. Ele disse: “Dona Cida, não faz isso não. Há micróbio”. Eu disse: “Tem dengue. Eu estou experimentando a temperatura da água”. A água estava quente. Muita gente ali já pegou dengue, que vem de cima do viaduto. É engraçado que a inspeção sanitária vem e fala: “Deixe-me olhar onde há água empoçada” Nesse poço aqui, há uma bomba que joga na água. Esse poço não fica parado. Portanto, ali só há uma alternativa: Demolir aquilo, porque não cuida das praças. Só um cuidou das praças, Sr. Jânio. O restante, ninguém. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o Sr. Bruno Maia.

**O SR. BRUNO MAIA** – Oi, boa noite. Meu nome é Bruno. Eu sou morador do bairro há 35 anos. Minha família já mora lá há muito mais tempo. Eu morei, pelo menos, quase 20 anos na frente do Minhocão. Minha avó morou no mesmo prédio, ali na São João, por mais de 30 anos, no segundo andar, na frente do Minhocão. Então, eu sei bem o que é estar por ali. Primeiro eu queria dizer que eu estou muito surpreso com algumas pessoas que falaram que não conseguem chegar a parques em São Paulo. Quer dizer, ali da Santa Cecília, eu consigo ir para o Ibirapuera e para o Villa- Lobos com metrô, trem e ônibus. Então, sugiro que as pessoas que não consigam saíam um pouco de casa, usem o transporte público, que não seja só carro. Seria bom. Inclusive ao Parque da Água Branca dá para ir a pé, se a pessoa estiver no fim do

Minhocão. Eu queria dizer que, a princípio, eu era contrário ao desmonte, porque meu medo sempre foi em relação ao trânsito. Vi o projeto. Acho que há uma solução, até porque alguém da CET disse - se estou correto - que a CET participa do projeto e fez um estudo. Se analisarem bem - até me corrijam - as pontas do Minhocão, tanto em Perdizes quanto na ligação Leste-Oeste, não podem ser modificadas. Então, o escoamento de trânsito não vai mudar, não vai ficar pior ou maior. Podem dizer: "Agora vai aumentar ou não". O escoamento vai ser praticamente o mesmo. Não há como mexer nele. Eu gostaria de citar algumas coisas que me deixou meio assustado aqui. Ao que parece - também me corrijam se eu estiver errado - isso é um projeto de um Vereador que não mora no bairro. Há quem mora, assim como eu.

Algumas pessoas que falaram pelo parque não moram no bairro, moram em bairros de alta classe. Duvido que alguém passe ali pelo Minhocão por muito tempo, principalmente à noite. Então, isso me chamou bastante atenção.

Falaram em retroagir, e que nós somos a democracia. Oras, são 250 mil moradores só no entorno. Acho que há 390 mil, se forem contadas as ruas em volta. Depois de cinco anos que está sendo debatido, há 13 mil pessoas que assinaram o parque. Quer dizer, há 250 mil e 13 mil assinaram parque. Que democracia é essa, que eu não estou entendendo? Qual é esse tipo de democracia, visto que, na maioria... Se conversarem nas ruas e fizeram uma enquete em rede social, nunca o parque ganha, em nenhuma votação.

Outra coisa: foi dito aqui que há preocupação com a poeira que o desmonte levantaria. Espanta-me que pessoas que agora dizem se preocupar com a poeira nos preocupa com a poluição de 40 anos de Minhocão. Até agora não ouvi ninguém falar sobre isso. Quanto à poeira talvez de algumas semanas, que possa ser tapada com uma tela ali, nos prédios, como em qualquer obra, com isso se resolve o problema. Acho que isso é muito mais fácil de ser combatida do que uma poluição de 40 anos. Também não entendi isso.

Quanto à preocupação com o custo do desmonte, oras, a gente ouviu pessoas aqui falando sobre o parque. Qual é o custo do parque? Ficou claro pelos próprios coordenadores

do parque que não há projeto. Não sabem o custo. Tanto que pediram até para o pessoal do desmonte falar como foi feito o custo. Não há nada. Então, quer dizer, há a preocupação com o projeto do desmonte, mas, do outro lado também não há o mínimo projeto. Isso também me espantou.

Acho que nós estamos vendo aqui um debate como esse. Há dois tipos de projetos, um projeto bem completo e outro que a gente não viu nada até agora, a não ser gritaria.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o Sr. Gabriel Rostri.

**O SR. GABRIEL ROSTRI** – Boa noite. Meu nome é Gabriel Rostri. Eu sou consultor em política urbana, patrimônio cultural e turismo. Eu sou do Conselho Participativo Municipal da Sé e também do Conselho Municipal de Política Urbana. Eu queria parabenizar, de verdade, o Sr. Caio, pela iniciativa. Hoje faz exatamente quatro anos que houve o primeiro encontro do São Paulo sem Minhocão. Isso mostra uma necessidade, de continuar essa discussão. Então, parabéns mesmo por ter retomado isso.

Então, sinceramente eu acho que não há porque continuar com esse ódio, com toda essa rivalidade aqui. Há gente se xingando aqui. Enquanto isso, há carros passando lá e ninguém tem nem ideia quando é que vai parar de passar carro por lá. Então, acho que é preciso a gente serenar um pouco os ânimos e ter consciência de que não vai haver unanimidade. Isso não vai haver, mas é possível sim que todo mundo se convença mais dos prós e contras de cada uma das alternativas. Isso só vai acontecer a partir dessa discussão técnica, de um aprofundamento dos projetos, e isso não houve até agora. Eu respeito muito o Vereador José Police Neto, mas realmente não houve essa discussão mais prática.

Acho que é necessário todo mundo aqui fazer uma meia culpa, para que haja uma discussão mais racional e não essa batalha de comunicação, de ficar falando que é progressista, é conservador ou que quer parque. Todo mundo quer verde, todo mundo quer

uma Cidade melhor. A gente pode simplesmente ter uma discussão mais racional e que respeite mais as divergências.

É fundamental que os moradores sejam ouvidos e respeitados. Eu, por exemplo, não moro lá no entorno, mas mesmo não morando ali sou contra a ideia do parque. Sou a favor do desmonte, mas de todo modo mesmo sendo a favor do desmonte hoje, seja qual for a decisão, mesmo que venha a ser um parque no futuro posso ficar muito mais conformado com a decisão se for alvo de uma discussão com projetos, com uma mostra de coisas boas que possam acontecer ali.

O Vereador Police falou que o Prefeito decidiu. O Prefeito, além de tudo o que já foi dito, não foi eleito com essa bandeira também. Nem tinha se posicionado na época da eleição, sequer tinha dado algum posicionamento em relação a ser a favor de desmonte ou de parque. Ou seja, não acho que tenha muita legitimidade independentemente de ser contra ou a favor.

Acho que há um mérito do pessoal que defende o parque, é que a batalha da comunicação sempre ficou muito entre ser um parque ou o carro passando lá como é hoje. Não foi muito contemplada na discussão pública sobre o assunto, não estou dizendo aqui nas audiências, digo quando a Globo faz uma reportagem, por exemplo, na grande mídia não foi muito contemplada a possibilidade de ter um desmonte.

Conheço a High Line, o Promenade Plantée, em Paris, e são casos realmente muito diferentes do Minhocão. E acho que esse é um caso que a estrutura não permite um bom aproveitamento e temos um exemplo disso, a Roosevelt. Todo o renascimento que a Praça Roosevelt teve nesses últimos anos foi a partir da demolição daquele pentágono. Há coisas que são realmente um problema urbano e enxergo o Minhocão dessa maneira, é insalubre, torna tudo escuro lá embaixo sobre o que era a principal avenida da Cidade. Não é uma avenida, um eixo qualquer. E as possibilidades lá são muitas, como disseram pode ter só uma pista para trânsito local, por exemplo, o restante todo ser uma espécie de parque.

Há outros assuntos como gentrificação e tal, que são independentes. Pode



acontecer com ou sem o parque. É isso.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Encerramos as inscrições e quero dar oportunidade aos que compõem a Mesa para fazer um encerramento breve se possível, de três minutos, pelo horário.

De antemão a CCJ se compromete a encaminhar alguns dos pleitos feitos aqui. Vamos oficializar a CET para um novo encontro que discutirá especificamente a questão viária. Isso interessa tanto a quem defende o parque como a quem defende o desmonte, que é explicar para as pessoas que não é um prejuízo do ponto de vista viário. Isso tem de ser técnico, não é achismo. Tem de ser mostrado.

Oficializar a Covisa sobre a questão epidemiológica, os mosquitos, isso é grave. Não podemos vacilar e o Centro virar um grande foco de mosquito. A CCJ vai oficializar. E qualquer outra questão que vocês tenham e queiram que seja aproveitada na tramitação para enriquecer esse debate, seja quem é do parque, seja quem é do desmonte, estamos abertos para fazer o debate exaustivo, sem pressa. E gerar aqui um documento, questões que ilustrem para quem for tomar a decisão lá no futuro.

Podem ter certeza que aqui não tem um fla-flu de antagonismo. Respeito bastante quem milita pelo parque e quem milita pela parcialidade das intervenções. Esse é só o começo de um processo e os Vereadores Police, Janaína, Claudio, todos os Vereadores farão parte disso. O clima está favorável para debater e construir alternativas. Esse é nosso propósito aqui.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – O senhor pode oficializar para a gente? A gente recebe e vamos incluir. Buscamos os recursos, inclusive. Podemos emendar, enfim. Vamos trabalhar.

Quero cumprimentar e agradecer a todos os presentes, as associações, respeitadas as divergências.

Também está presente o Sr. Miguel Elias da Daffara, Tenente Coronel Comandante do 13º Batalhão da Polícia Militar, a quem agradeço pela presença. É fundamental a integração de todas as instituições.

Vou começar com o nosso Colega Eliazer Rodella, Inspetor Subtenente Comandante do Comando Operacional I do Centro da Guarda Civil.

**O SR. Eliezer Rodela** – Sr. Vereador, primeiro, quero cumprimentá-lo por esta iniciativa. Esse é o caminho da democracia da Cidade. Nós passamos, mas a Cidade continua. Ela fica. Então, é importante que façamos o debate.

Quero só registrar aqui: o Coronel Daffara faz parte do policiamento do Centro. É o Comandante do 13º Batalhão, onde fica, inclusive, a região da cracolândia.

Nós temos atuado juntos, numa grande parceria entre a Guarda Civil e a Polícia Militar, para a segurança desta Cidade, pela qual temos que unir todas as forças.

Nesse momento, essa é uma das forças de segurança desta Cidade: a Câmara Municipal, que traz todos para o debate, a fim de que cheguemos a um consenso para a melhoria da Cidade.

Quero agradecer a todos. Contem com a Guarda Civil Metropolitana.

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Tem a palavra o Professor Caldana.

**O SR. VALTER CALDANA** – Rapidamente, agradeço pelo convite. Peço desculpas por ter chegado atrasado.

Insisto: é importantíssimo, neste momento, em que já temos esse acúmulo de discussão sobre a questão, e já podemos perceber que muitas coisas são em comum.

O Gabriel estava falando a questão da gentrificação. Ela precisa ser combatida, portanto, em qualquer circunstância; a questão do trânsito também. Ou seja, há uma série de elementos que dependem, agora, acumulada que está essa discussão, de bons projetos. Bons

projetos precisam de dados confiáveis, de uma inspeção do IPT.

Precisamos, efetivamente, discutir o que vai ter essa região da cidade daqui para frente.

Então, insisto, nesse sentido, esse Projeto de Lei é fundamental porque não tolhe a possibilidade de um projeto completo daqui para frente.

Nós não podemos começar um projeto, uma nova fase, com uma possibilidade importante do processo censurada. Isso é o que não pode acontecer.

Então, cumprimento o Sr. Vereador e a todos; praticamente, somos amigos porque já estamos nessa discussão há muito tempo.

É uma discussão importante para a Cidade e não pode começar capenga, tolhida, censurada.

Temos que começar a exigir a elaboração do Projeto. Temos que ter a materialização dos projetos: programa, investimento e assim sucessivamente. (Palmas)

**A Sra. Marjore Meireles** – Eu gostaria de esclarecer um ponto, para que não fique dúvida: ouvi que acharam muito simples a forma que expliquei sobre o desmonte do Minhocão.

Gostaria de dizer a vocês que essa empresa Desmontec foi escolhida, inclusive, com o Dr. Lúcio Gomes Machado que o Dr. Valter Caldana conhece muito bem, e que não fiz essa escolha para fazer apresentação sem a aprovação do Dr. Lúcio, que também da Vera Lu Santana, são dois arquitetos muito competentes. Quando nós vimos a apresentação dessa empresa, Desmontec, as obras e a complexidade das obras que eles faziam, realmente desmontar o Minhocão é que nem pegar isso daqui e colocar ali, da simplicidade que é desmontar o Minhocão perto das obras que eles executam. Gente, é uma complexidade muito grande, desmontar o Minhocão é no chão, é na terra, é uma obra que não é complexa perto do que eu vi.

Portanto, não quero que paire dúvida da imprensa, da facilidade que é desmontar esse Minhocão e do valor, que é de 28 milhões, só isso.

Agradeço o Vereador Caio Miranda Carneiro por ter feito esse projeto. Parabéns, nós precisamos de muitos vereadores como o senhor na Câmara. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Vou passar para a colega Janaína fazer suas considerações finais.

**A SA SRA. JANAÍNA LIMA** – Quero parabenizar o Caio mais uma vez, trazendo importantes temas para a Casa, foi quem liderou o processo da reforma da previdência, quem trouxe essa questão nesse nível qualificado entregando agora para a comissão de estudos um projeto muito melhor e muito melhor trabalhado do que o apresentado inicialmente.

E agora, traz um tema de muita complexidade também que é o desmonte do Minhocão, que precisa de um único ingrediente que é vontade política. E isso a gente sabe que você tem de sobra, parabéns.

Quero agradecer a presença dos meus amigos, o Bruno, a Gabriela, a Rosana, todos que vieram fortalecer as bandeiras e a causa do desmonte do Minhocão em apoio ao Caio. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Passo a palavra ao relator.

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. YARA GÓES** - Os 28 milhões do desmonte? Foi dado pela empresa.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Não, o valor do parque, estimativa.

**A SRA. YARA GÓES** - Foi dado pelo Jaime Lerner, na reunião que teve na prefeitura, ele apresentou na prefeitura esse valor da adaptação da estrutura, 400 milhões. Foi repassado pelo prefeito regional para nós, que foi apresentado esse projeto por 400 milhões.

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. YARA GÓES** - Sim, eles fizeram uma reunião com todos os Secretários e foi repassado para nós quanto seria esse valor, de 400 milhões a adaptação da estrutura. Só isso.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Sobre essa questão, a Regina Monteiro, da SP Urbanismo, estava presente, deixou o cartão. Ela disse que há um grupo de estudos na SP Urbanismo a pedido do Ministério Público para formatar um projeto de parque. Então, a gente espera que desse grupo saia algo mais concreto. Está começando, acho que esse debate ainda tem muita informação por vir.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – A gente vai amadurecer, a gente vai melhorar muito esse debate.

**O SR. CLAUDIO FONSECA** – Bom, como diz o ditado, tudo que começa tem de terminar. Quero contribuir para o encerramento da audiência pública desejando a todos uma boa noite e até a próxima. (Palmas).

**O SR. PRESIDENTE (Caio Miranda Carneiro)** – Queria agradecer a presença do Capitão Julio, da PM do 13º Batalhão.

Está encerrada a presente audiência pública. Em breve, vamos comunicar um próximo encontro. Muito obrigado.